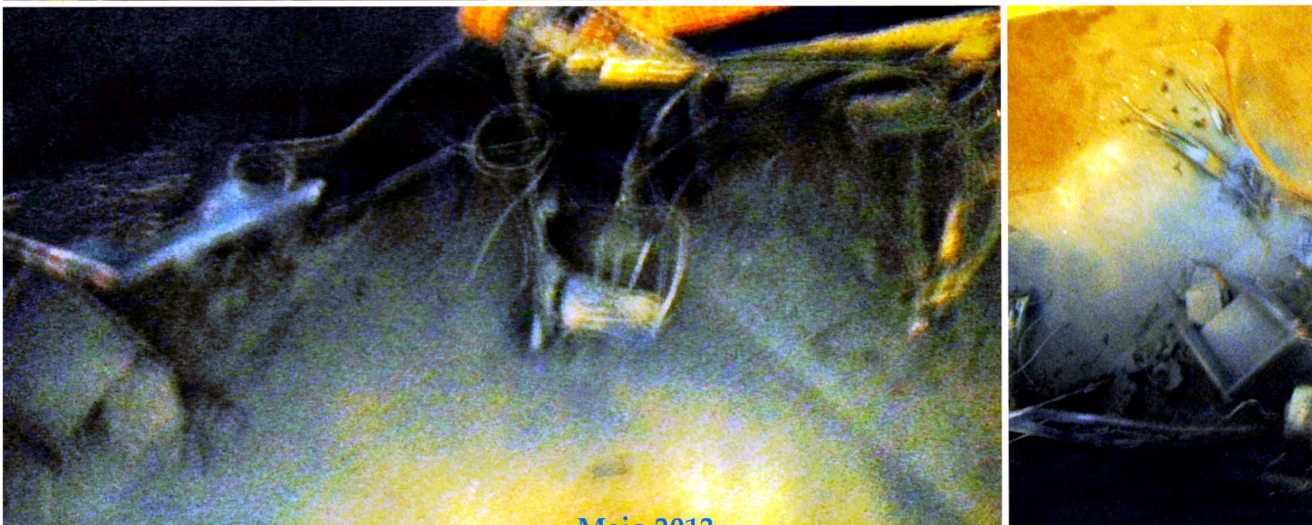


FRAGMENTE

REVISTA ESCOLAR DE FILOSOFIA E PSICOLOGIA



Maio 2013

Redação: Rua Rodrigo da Fonseca, 115 - 1099-069 Lisboa - Tel. 21 384 19 10 / 21 384 19 18 - Fax: 21 386 39 85 E-mail: esmavc@mail.telepac.pt

FRAGMENTE

Publicação Anual
Maio de 2013



Artur Carneiro

FRAGMENTE

Revista Escolar de Filosofia e Psicologia

Ficha Técnica:

Colaboram neste Número:

Alexandra Aniscenco, Alfredo Natal, Amaro da Silva, Ana Carolina Trindade, Ana Catarina Monteiro, Ana Marta Capaz, Ana Silva Pestana, André Machado Gonçalves, Carolina Bento, Filipa de Matos, Gonçalo Reis, Hugo Rodrigues, Inês Moraes, Inês Moreno, Joana Madureira, João Lourenço, João Nuno Jorge, Júlia Batista, Luís Benedito, Mariana Amado Trancoso, Mariana Pires Mendes, Marina Santos, Rita Costa, Roman Barchuck, Sofia Mateus, Tomás Ambrósio, Tomás Silva

Imagens: Ana Catarina Monteiro, Ana Correia, Ana Nascimento, Ana Rita Logrado, Ana Rita Martins, Andreia Carvalho, Arnaldina Dias, Artur Carneiro, Bárbara Ferreira, Beatriz Nunes, Beatriz Roquette, Bruna Pinto, Bruno Madeira, Carla Gomes, Carolina Rodrigues, Carolina Salvo, Catarina Guerreiro, Catarina Machado, Cláudia Matos, Cristiana Fortes, Cristina Garrido, Dina Martins, Edson de Abreu, Filipa Machado, Hernâni Freitas, Hugo Moreira, Inês Coimbra, Inês Fonseca, Inês Martinho, Inês Vilar, Joana Brites, Joana Figueiroa, Luís Benedito, Joana Guilherme, Joana Mendes, João Cruz, João Soares Santos, José Pedro Ferreira, Kézia Horta, Maria Côrte-real, Mariana Fortes, Mariana Meira, Marta Mendes, Rafael Ferreira, Raquel Martins, Ricardo Paias, Rita Casqueiro, Rodrigo Lourenço, Sara Correia, Sara Ferreira, Sara Moreira, Sofia Mateus, Susana Monteiro, Teresa Dias, Tiago Fragoso Mendes, Tomás Amaro, Valentina Rodrigues, Vanessa Marques, Vera Braga, e Vera Ventura

Grafismo: João Soares Santos

Impressão: Matriz Radical Lda. Estrada Nacional 10, km 140/100 Edifício Olaio, Armazém L - 2695-066, Bobadela - Loures
Tel. 219941058 e-mail: matriz.radical@gmail.com
Tiragem: 230 Exemplares

Sumário

| | |
|--|----|
| Fragmentapresentação | |
| Amaro da Silva | 4 |
| II Olimpíadas de Filosofia | |
| Santarém sorriu a Bragal | |
| Alfredo Natal, Marina Santos | |
| e Amaro da Silva | 5 |
| Livre Arbítrio e Responsabilidade Moral | |
| Mariana Pires Mendes | 7 |
| A Filosofia é a Procura da Verdade | |
| André Machado Gonçalves | 10 |
| Filosofia, Argumentação e Verdade | |
| Roman Barchuck | 13 |
| A Filosofia é o que tu Pensas | |
| Ana Marta Capaz | 15 |
| A Essência do Homem | |
| Tomás Silva | 18 |
| A Importância dos Valores | |
| Ana Silva Pestana | 19 |
| A Raiz da Consciência | |
| Sofia Mateus | 21 |
| O Poder da Acção | |
| Ana Catarina Monteiro | 22 |
| A Acção na Construção do Ser | |
| Hugo Rodrigues | 24 |
| É pela Acção que o Homem se | |
| Constrói a si mesmo e aos seus Mundos | |
| Inês Moraes | 26 |
| Alicerce da Acção Humana | |
| Júlia Batista | 28 |
| A Questão da Existência de Deus | |
| Ana Carolina Trindade | |
| Tomás Ambrósio | 29 |
| O Homem e Deus | |
| Luís Benedito | 30 |
| As Regras Foram Feitas Para Serem | |
| Quebradas | |
| Mariana Amado Trancoso | 31 |
| A Culpa | |
| Rita Costa | 32 |
| A minha Gata e o Condicionamento | |
| Clássico | |
| Carolina Bento | 34 |
| Um grupo de 100 Pessoas. | |
| Onde está o Psicopata? | |
| João Nuno Jorge | 35 |
| O Discurso do Método: Uma Análise Crítica | |
| André Machado Gonçalves | 37 |
| Vergílio Ferreira: <i>Aparição</i> , a Condição Humana e a | |
| Procura de uma Resposta | |
| João Lourenço | 43 |
| Engenharia Genética e Bioética | |
| Alexandra Aniscenco | 45 |
| É pela acção que o Homem se constrói a si mesmo | |
| e aos seus Mundos? | |
| Gonçalo Reis | 47 |
| Perdi a minha Chucha | |
| Inês Moreno | |
| Joana Madureira | 49 |
| Qualquer Coisa | |
| Filipa de Matos | 50 |

Director:

Amaro da Silva

Conselho Editorial:

Professores de Filosofia e
Psicologia da Escola Secundária
Maria Amália Vaz de Carvalho

Coordenadores:

Amaro da Silva
Alfredo Natal
Gertrudes Santos

Coordenadores Sectoriais:

Aida Faustino
Amaro da Silva
Ana Goulart
Anabela Neves
Mendo Henriques
Paula Pires



FRAGMENTAPRESENTAÇÃO

Amaro da Silva

Mais um número da revista *Fragmente* sai sob o signo da promoção dos textos dos nossos alunos de Psicologia e Filosofia. Tal como já foi afirmado nos anteriores números, é objetivo principal desta publicação estimular a produção de textos e publicitá-los para que se confrontem com a apreciação crítica dos seus leitores. Teremos assim uma revista escolar direcionada para o crescimento intelectual e a promoção da cidadania.

O presente número da revista *Fragmente* compõe-se de artigos de orientação filosófica e psicológica. Os artigos de orientação filosófica abordam temas e questões ligados às matérias de estudo ou aos problemas colocados no decurso dos trabalhos escolares. Citemos os temas dominantes: Ação Humana, Argumentação e Verdade em Filosofia, reflexões sobre os Valores Éticos, a questão da existência de Deus e o problema da Condição Humana. Neste lote de textos inclui-se o vencedor do Concurso Filosófico 2012 da nossa escola que se centra na análise crítica do Discurso do Método de Descartes. Também incluímos sete textos dos nossos alunos que entraram na pré-seleção para as Olimpíadas Nacionais de Filosofia do presente ano. Em destaque, como texto de abertura, decidimos colocar o texto vencedor das Olimpíadas Nacionais de Filosofia 2013, da autoria de Mariana Pires Mendes, aluna da Escola Secundária Sá de Miranda (Braga).

Os textos da área da Psicologia versam problemas relativos a Aprendizagem segundo o Condicionamento Clássico, Inovação e Inconformismo, Culpa, Psicopatologia, Engenharia Genética e Bioética e questões de Psicologia do Desenvolvimento.

Todo este conjunto de textos é indicador do tipo de questões e debates que envolveram os nossos alunos ao longo do ano nas disciplinas de Filosofia e Psicologia. São reveladores não só dos programas oficialmente traçados como das inquietações dos nossos jovens.

A principal novidade deste número da revista *Fragmente* relaciona-se com a sua formatação, ilustração, grafismo e paginação que é da autoria do professor João Soares Santos, a quem muito agradecemos o contributo empenhado e voluntário. De facto, este professor aceitou o desafio de intervir no presente número com o sentido de publicar trabalhos dos seus alunos das áreas das Artes em formato de ilustração dos textos dos alunos de Filosofia e Psicologia. Desta forma estamos a conjugar texto e imagem de maneira a afirmarmos o trabalho interdisciplinar. Assim, sendo os textos a raiz dos temas e problemas colocados, julgamos que as ilustrações ampliam e enriquecem esses textos. É um feliz casamento entre texto e imagem, ambos produtos genuínos dos nossos alunos, do qual se espera ter continuidade.

Publicar uma revista destas é uma pequena aventura ao nível dos trabalhos e verbas necessárias. O trabalho, de professores e alunos, é inteiramente voluntário e as verbas são escassíssimas. Por outras palavras, este número da *Fragmente*, atendendo ao seu valor pedagógico, é uma dádiva e um belo esforço de quem acredita no poder e na inovação das instituições educativas, em especial na escola pública.

Lisboa, 3 de maio de 2013



João Soares Santos

II Olimpíadas de Filosofia - Santarém sorriu a Braga!

Alfredo Natal / Marina Santos / Amaro da Silva

O fim-de-semana de 5 e 6 de abril passado viu acontecer a segunda edição das Olimpíadas Nacionais de Filosofia que, desta vez, decorreu na Escola Secundária Ginestal Machado, em Santarém. A escolha deste estabelecimento de ensino para a realização da Olimpíada resultou do facto de serem da Ginestal Machado os dois primeiros classificados da edição do ano passado.

O evento foi um sucesso, para o que contribuiu o empenho e apoio da Câmara Municipal de Santarém e da Junta de Freguesia de Marvila (Santarém) para além da comunidade educativa e entidades de âmbito nacional e local. Aliás, fruto da experiência do ano anterior, a organização entendeu estender os trabalhos por dois dias, em vez de concentrar tudo num só dia, como sucedeu da primeira vez.

Assim, ao princípio da tarde de sexta-feira, foram chegando à Escola Secundária Dr. Ginestal Machado os 56 alunos participantes, acompanhados por 31 professores, todos provenientes de 29 estabelecimentos de ensino. Para trás ficara uma seleção prévia realizada em muitas mais escolas de todo o país e, pela frente, os obstáculos eram provas de temas filosóficos, a serem superadas em Português e língua estrangeira. É que no fim, para além de se saber quem ganhara, tinha de se apurar quem iria à Dinamarca, participar nas Olimpíadas Internacionais.

Escolas participantes:

Agrupamento de Escolas (AE) Ibn Mucana – Alcabideche
Escola Secundária (ES) de Alcácer do Sal
ES Sá de Miranda - Braga
Colégio Cedros - Vila Nova de Gaia
Colégio Guadalupe - Corroios
Colégio Pedro Arrupe - Sacavém
ES D. Maria II - Vila Nova da Barquinha
ES Montemor-o-Novo
ES Dr. Ginestal Machado – Santarém
ES José Belchior Viegas - São Brás de Alportel
ES José Gomes Ferreira - Lisboa
ES de Paços de Ferreira
St. Peter's School - Palmela
AE Miraflares – Algés
ES de Castro Daire
ES Pedro da Fonseca - Proença-a-Nova
ES Camilo Castelo Branco - Vila Nova de Famalicão
AE Alexandre Herculano - Porto
ES Ferreira Dias - Cacém
ES Tomaz Pelayo - Santo Tirso
ES Francisco de Holanda - Guimarães
ES Santa Maria - Sintra
ES Calazans Duarte - Marinha Grande
ES Vale de Ovil - Baião
AE de Porto de Mós
ES Maria Amália Vaz de Carvalho – Lisboa
AE da Mealhada
AE Raul Proença - Caldas da Rainha
ES D. Afonso Henriques - Vila das Aves
(A ES Cerco - Porto e o AE Daniel Faria - Baltar inscreveram-se, mas não participaram.)



Participantes nas II Olimpíadas Nacionais de Filosofia – Santarém
(Cedência da PROSOFOS)



Premiados nas II Olimpíadas Nacionais de Filosofia 2013 acompanhados pelos seus professores (cedência da PROSOFOS)



Site das Olimpíadas Nacionais de Filosofia

No primeiro dia, os participantes realizaram a prova em língua portuguesa e, enquanto a mesma decorria, os professores marcavam presença em dois Workshops, um de avaliação e outro de Filosofia. O workshop de avaliação, nomeadamente na sua componente prática, foi especialmente importante como propedêutica para o trabalho de avaliação do júri constituído pelos professores participantes. Destaquem-se igualmente os workshops filosóficos para os alunos, dinamizados por alunos de 12.º ano da escola de acolhimento, como atividade inovadora e muito apreciada. Também a palestra da Prof.ª Doutora Adriana Serrão, dedicada à temática da Filosofia da Paisagem e dirigida aos professores, constituiu um agradável momento de reflexão sobre uma área pouco conhecida da Filosofia.

No final de sexta-feira, todos se deslocaram para o Convento de São Francisco para um agradável jantar de convívio que, por muito que custasse, teve de ser temporalmente menos dilatado para os alunos que foram pernoitar na Estação Zootécnica Nacional. No dia seguinte, havia ainda bastante trabalho!

No sábado, e da parte da manhã, enquanto os professores procediam à avaliação das provas em língua portuguesa, os alunos visitaram o centro histórico de Santarém, atividades que se trocaram da parte de tarde pois, enquanto alguns alunos se concentraram na realização de uma prova em língua estrangeira ou na atenção a workshops, os professores, por sua vez, apreciaram o centro da “Capital do Gótico”.

Cabe aqui referir, e por justiça, que a Comissão de Alunos da E.S. Ginestal Machado foi muitíssimo prestável e acolheu a todos de modo caloroso, assim como os professores de diversas áreas que se empenharam efetivamente no apoio logístico das atividades programadas. A Direção da escola esteve igualmente sempre presente, disponível e solidária com o incansável trabalho dos colegas Manuel João e Vera Vicente - os quais elevaram este evento a um nível de excelência que será difícil igualar.

A programação repartida por dois dias revelou-se uma boa opção, quer por permitir um espaço alargado de convívio e reflexão entre os amantes da filosofia, quer por possibilitar que as atividades decorressem de um modo mais fluído e sem colocar tanta pressão sobre os elementos da organização do evento. Aliás, o primeiro balanço, com base nos elogios que nos dirigiram, é extremamente positivo.

Ao fim do dia, e depois de feitas todas as avaliações, os resultados foram anunciados na sessão de encerramento. A classificação ficou assim ordenada:

- Medalha de Ouro: Mariana Pires Mendes (ES Sá de Miranda - Braga)
- Medalha de Prata: José Nuno Castela Forte (ES Dr. Ginestal Machado - Santarém)
- Medalha de Bronze: David Tiago Ruah (ES Santa Maria - Sintra)
- Menções Honrosas: Diana Piedade Bento Venda (AE Porto de Mós - Leiria); João Filipe Quintas Madeira (ES Dr. Ginestal Machado - Santarém); André Gonçalo Sousa Vital (ES Calazans Duarte – Marinha Grande).

Alunos que vão à Dinamarca participar nas XXI Olimpíadas Internacionais de Filosofia:

- Medalha de Prata: José Nuno Castela Forte (ES Dr. Ginestal Machado - Santarém)
- Medalha de Bronze: David Tiago Ruah (ES Santa Maria - Sintra)

A cerimónia de encerramento não foi somente constituída pelo anúncio dos resultados num ambiente de festa por todos partilhada. De facto, nessa ocasião foi assinado um protocolo entre a PROSOFOS, representada pelo seu presidente, Dr. Domingos Correia, e a Direção Geral de Educação (DGE), representada pelo seu Subdiretor, Dr. Luís Filipe Santos, mediante o qual ficou formalizada a colaboração e o apoio que a DGE tem dado a esta iniciativa, confirmando o interesse nacional da mesma «quer para a Filosofia e o seu ensino no secundário, quer para a formação plena dos alunos do sistema de ensino português». (site das ONF)

Agora resta esperar pelas XXI Olimpíadas Internacionais de Filosofia que se vão realizar em Odense, Dinamarca, de 16 a 19 de maio próximo. Dado que no presente ano se assinala o 200.º aniversário do nascimento de Sören Kierkegaard, o tema das Olimpíadas Internacionais será: "Sören Kierkegaard today".

Lisboa, 3 de maio de 2013



Beatriz Roquette

É moralmente responsável aquele que age livremente, isto é, aquele que é dotado de livre arbítrio.

Livre Arbítrio e Responsabilidade Moral

Mariana Pires Mendes

Texto Medalha de Ouro das II Olimpíadas Nacionais de Filosofia 2013

Tópico: Temos de supor necessariamente a liberdade dos agentes para, acerca deles, podermos fazer juízos e imputações morais?
O livre arbítrio é uma condição necessária para que haja responsabilidade moral?
O problema: “É o livre-arbítrio uma condição necessária para a responsabilidade moral?” Poderá ser decomposto nas questões que se seguem: O que é o livre arbítrio? O que significa responsabilidade moral? Pode haver responsabilidade moral sem livre arbítrio?

No decurso deste ensaio defenderei a tese de que é moralmente responsável aquele que age livremente, isto é, aquele que é dotado de livre arbítrio.
Um outro aspeto importante deste problema é determinar se, assumindo que a minha tese é verdadeira, o determinismo dá lugar à responsabilidade moral ou se, pelo contrário, uma visão determinística do mundo é incompatível com a responsabilidade moral. Defenderei que o determinismo e responsabilidade são incompatíveis porque só existe responsabilidade quando agimos livremente e não agimos livremente se somos determinados. Determinismo e livre arbítrio são mutuamente exclusivos.
No decurso deste ensaio procurarei dar resposta às questões supramencionadas. Começarei por definir o conceito de responsabilidade moral e de livre arbítrio e estabelecer a relação entre ambos os conceitos, procedendo às clarificações que considero pertinentes para a compreensão deste tema. Seguidamente, argumentarei a favor da minha tese e procurarei refutar algumas das objeções que esta admite. Analisarei ainda alguns aspetos de duas propostas incompatibilistas, o determinismo radical e o libertarismo, e apresentarei uma proposta de uma visão probabilística e não determinística do mundo, reafirmando a minha tese.



Mariana Fortes



Marta Mendes

O livre arbítrio, liberdade de escolha ou liberdade de ação define-se como a possibilidade de ter escolhido agir de modo diferente daquele que agimos. A responsabilidade moral significa que temos potencialidade de produzir ações com conteúdo moral, isto é, ações sobre as quais se podem tecer juízos morais (delas pode dizer-se se são boas ou más à luz de dada teoria ética). Estes dois conceitos articulam-se na medida em que as nossas ações têm conteúdo moral se e só se agimos livremente, isto é, se somos dotados de livre arbítrio.

De acordo com o argumento da causalidade à distância, só aquele que age livremente pode ter responsabilidade (refiro-me ao sentido lato da palavra, e não unicamente à responsabilidade moral), mas nós não somos responsáveis pelas nossas ações e por isso as nossas ações não são livres. Pode ser condensado no raciocínio seguinte: uma ação é livre se e só se o agente é responsável por ela; um agente não é responsável por algo cujas causas escapam ao seu controlo; qualquer ação é causada por um conjunto de fatores (herança genética, contexto histórico, geográfico, económico, social, etc.) que não estão sob o controlo do agente; logo, não há ações livres.

Deste argumento segue-se que os agentes não são responsáveis pelas suas ações, porque as causas da ação não estão sob o controlo do agente. Uma ação consiste na interferência consciente de um agente no curso de uma cadeia causal, sempre que este agente tem o desejo de produzir um efeito x, a crença de que da sua interferência no estado de coisas resultará o efeito x e se verifica uma relação causal entre desejo e crença e o efeito x. Uma ação é, portanto, um tipo particular de acontecimento.

A ação como a defini insere-se, à semelhança de qualquer outra coisa que aconteça ou que se faça acontecer, numa cadeia causal. Existem causas internas e externas para a ação. As causas externas referem-se a todo o conjunto de causas e efeitos que se sucederam conduzindo ao estado de coisas tal como ele é aquando a ação: fatores tais como a herança genética, contexto geográfico, condição social e económica, nível de educação e vivências do agente. As causas internas referem-se aos fenómenos do foro mental que são o desejo, a crença e a intenção. A ação como eu a defini implica que um conjunto de desejos e crenças se relacione causalmente com o efeito da ação.

No entanto, verifica-se que os nossos desejos são estados sobre os quais temos pouco controlo, e as nossas crenças formam-se a partir da nossa experiência percetiva, o que pressupõe uma cadeia causal independente de nós próprios.

Admitir que o determinismo é verdadeiro, ou seja, admitir que a proposição “qualquer ação é causada por um conjunto de fatores (herança genética, contexto histórico, geográfico, económico, social, etc.) que não estão sob o controlo do agente” é verdadeira significa que as causas internas da ação são também causadas, e, assim, podem produzir-se ações sem a intervenção do agente. Se os meus desejos e crenças são causados por fatores que eu não controlo, então são causados por algo diferente de mim. E se os meus desejos e crenças são as causas das minhas ações, então as minhas ações são causadas por algo diferente de mim. Não posso ser responsável por algo que eu não causei. Assim, a responsabilidade parece requerer que o determinismo seja falso.

Na realidade, poderíamos com a mesma naturalidade com que dizemos “não posso ser responsável por algo que eu não causei” afirmar “só sou responsável pelo que causei”. Transpondo isto para a responsabilidade moral, “só sou moralmente responsável pelas ações das quais eu fui a causa”. Assim, a responsabilidade moral apresenta duas condições necessárias: que as nossas ações são livres; que nós causamos as nossas ações. Isto é paradoxal.

Uma impressão poderosa e imediata de que quando faço A podia ter feito B se assim o desejasse é partilhada por todos os seres humanos. Para além disto, estamos habituados a tomar o acaso como um aspeto do cosmo: olhamos os objetos e acontecimentos como se a pluralidade de comportamentos e desenvolvimentos fosse uma característica sua. Não obstante, observamos também que os acontecimentos se sucedem uns aos outros, numa sucessão de causa-efeito. Isto quer dizer que quando faço A, na verdade eu nunca poderia ter deixado de fazer A para fazer B. Assim, à primeira vista, tem-se que a ideia de que somos livres e de que todos os acontecimentos no mundo se relacionam causalmente parecem mutuamente exclusivas. Logo, o que é verdadeiro: a visão determinística do mundo ou o livre arbítrio? Ou será que um agente pode estar determinado e, ainda assim, agir livremente?



Carolina Salvo



Marta Mendes

A visão determinística do mundo pode ser refutada considerando das suas consequências. Como as minhas ações têm uma causa diferente de mim, é verdade que quando ajo não podia ter sido de outra maneira. Isto tem por consequência um mundo sem heróis nem vilões. Não haveria nenhuma diferença entre mim, que penso ter-me sentado nesta sala a escrever este ensaio de livre vontade, e um recluso que esteja a cumprir trabalhos forçados; não haveria nenhuma diferença entre escrever este ensaio e matar uma mulher a sangue frio. Tal como eu não poderia deixar de ter escrito este ensaio, também o recluso não poderia ter evitado fazer o que quer que o levou a ser preso. Isto deitaria por terra tanto um sistema penal punitivo como corretivo, pois não estava nas mãos do criminoso deixar de cometer o crime e não estará nas suas mãos não voltar a agir contra a lei. Ninguém condenaria Darth Vader por aliciar Luke Skywalker a passar para o lado negro da força da mesma forma que ninguém louvaria Luke pela sua integridade e força de vontade, porque nenhum deles poderia fazer outra coisa. É como se todos agíssemos em função de um ímpeto irresistível.

Do mesmo modo que ninguém julga um louco por andar nu na rua ou um cleptomaniaco por roubar, também não podemos fazer juízos morais sobre as ações de um agente se a ação se dá em função das causas que atuaram até ao momento. Só é moralmente responsável aquele que age livremente, isto é, aquele que é dotado de livre arbítrio, e aquele que é dotado de livre arbítrio não é determinado.

Acontece que não podemos determinar *a priori* se o determinismo é ou não verdadeiro. A ideia de que a matéria tem um comportamento causal não foi posta em causa até ao século XX, com o desenvolvimento da Teoria Quântica. Uma das implicações da interpretação de Copenhaga desta teoria, a sua interpretação canónica, é que a natureza do comportamento material não é causal, mas probabilística. Isto significa que mesmo uma descrição completa de um sistema físico não define o seu futuro, ou seja: o número de cursos possíveis é sempre maior do que um. O facto de a relação entre fenómenos mentais como as nossas crenças e desejos, à semelhança das partículas elementares, também apresentarem uma relação probabilística e não causal com os efeitos que produzimos no mundo exterior permite que possamos escolher agir de modo diferente daquele que agimos e, assim, o argumento determinista da inevitabilidade é falso: um agente pratica livremente uma ação A se podia ter agido de outra maneira (isto é, se podia ter praticado uma ação muito diferente de A). Nunca podemos agir de modo diferente daquele que agimos. Logo, não agimos livremente.

Há ainda a possibilidade de, ainda que se prove que o determinismo seja verdadeiro, os fenómenos mentais não serem de natureza material e portanto a causalidade não se lhes aplica.

Por tudo isto, o livre-arbítrio é uma condição necessária para a responsabilidade moral e, porque livre arbítrio e determinismo não são mutuamente exclusivos, a liberdade moral é compatível com uma visão determinística do mundo.

PS - Criticando o seu próprio texto, a autora faz as seguintes observações:

No meu ensaio houve um raciocínio que eu não consegui concluir e não tive oportunidade de eliminar o que tinha principiado a escrever. Trata-se da parte em que se lê: "(...) e, assim, o argumento determinista da inevitabilidade é falso: um agente pratica livremente uma ação A se podia ter agido de outra maneira (isto é, se podia ter praticado uma ação muito diferente de A). Nunca podemos agir de modo diferente daquele que agimos. Logo, não agimos livremente." Pensei que para efeitos de publicação, talvez fosse conveniente eliminar esta parte do texto, uma vez que não apresenta nexos algum.

Para além disto, no último período, o que eu pretendia escrever era: "Por tudo isto, o livre-arbítrio é uma condição necessária para a responsabilidade moral e, porque livre arbítrio e determinismo são mutuamente exclusivos, a liberdade moral não é compatível com uma visão determinística do mundo.", e não: "Por tudo isto, o livre-arbítrio é uma condição necessária para a responsabilidade moral e, porque livre arbítrio e determinismo não são mutuamente exclusivos, a liberdade moral é compatível com uma visão determinística do mundo.", como de facto escrevi.



Bruna Pinto



Maria Côrte-real



Valentina Rodrigues

“ A Filosofia é a procura da verdade, a tentativa de, através de bons argumentos, encontrar respostas.”

A Filosofia é a procura da Verdade

André Machado Gonçalves

Ensaio elaborado no âmbito da pré-selecção para as II Olimpíadas Nacionais de Filosofia de 2013

1º Lugar

Desde os primórdios do pensamento que o Homem ambiciona descobrir as respostas últimas, as verdades primeiras, e os seus desejos de explicações metafísicas residem essencialmente numa procura de respostas a mais e mais perguntas, que são dadas pelas Filosofia, enquanto disciplina do pensamento, e estendendo-se às suas áreas mais variadas e refletindo sobre a natureza do ser, do mundo, e do que de mais exterior exista (se é que algo de exterior existe). Esta (a Filosofia) encontra-se alicerçada em bases muito diversas, e é isso que permite que chegue a conclusões diversas sobre o estado de coisas, e os estados do mundo. Enquanto tenta descobrir argumentos que sustentem alguma teoria, a Filosofia apoia-se na lógica, pois é esta que melhor disciplina as relações entre as premissas, e ulteriormente regula as relações entre tudo o que constitui o mundo. A questão que se levanta reside no facto de que a lógica apenas nos dá relações, e esta não permite saber nada de novo sobre o mundo, ou sobre a natureza deste. A matemática é o caso mais esclarecedor desta situação... Pela matemática é possível descobrir como se relacionam equações físicas, estudar comportamentos da natureza, mas não é possível, na realidade, saber algo de novo sobre o universo. Tudo aquilo que existiu, existe ou existirá no mundo, poderá eventualmente ser deslindado pela matemática, mas esta não é, com certeza, produtora de conhecimento que traga algo de único ao universo. Pelo mesmo raciocínio conclui-se que a lógica é apenas um instrumento, ou uma linguagem, da Filosofia (tal como a Matemática é uma linguagem das Ciências...).



Bárbara Ferreira

Deste modo, não há nada de novo, ou de original, que a lógica possa permitir ao pensamento descobrir... Isto porque se tivermos em linha de conta a distinção entre validade (de um argumento) e verdade (das premissas que o constituem), rapidamente concluímos que a lógica só nos responde em função da primeira, e nunca da segunda. Não podemos pretender que o uso lógico possa derivar algum valor de verdade, porque tal não é intrínseco à lógica em si. Contudo, tem o papel fundamental e indispensável de organizar, filtrar, e elaborar novas formas de pensamento. Só pela lógica é que é possível formar bons argumentos, que suportem determinadas teses, e portanto conseguir algum progresso na Filosofia, evitando retóricas, ou tentativas de persuasão que em nada contribuem para que a Humanidade saiba (se é que pode alguma vez saber) o fim último, no sentido de mais básico, não pela sua simplicidade, mas pelo seu carácter metafísico, do nosso universo (admitindo que a sua realidade, exterior a nós é dada com premissa aceite).

Assim sendo, se a Filosofia não se pode apenas basear na lógica para alcançar a verdade, que outros instrumentos lhe restam? A questão pode ser vista como um problema epistemológico de grande valor, e já discutido pelos filósofos das mais variadas áreas. Sabendo que a validade está garantida pela lógica, resta apenas saber como se pode determinar a verdade de qualquer premissa. Aqui reside a grande divergência entre empiristas (e/ou céticos) e os racionalistas. A questão a que devemos responder é se de algum modo podemos saber o valor de verdade de algumas premissas (eventualmente de todas as premissas), e como... Se adotarmos uma posição racionalista teremos que argumentar que a Filosofia pode de facto alcançar a verdade das coisas, usando para o efeito apenas a razão, seguindo um método de a aplicar corretamente, para que dela possamos retirar as mais diversas ilações. Desta maneira a resposta à questão seria que podemos saber a verdade das coisas pelo uso da razão.

A corrente empirista defenderia que a experiência é a fonte mais segura, ou aliás a única fonte de conhecimento (dado que autores como Hume consideram que as proposições analíticas têm apenas em conta relações entre entidades, e por isso nada se pode derivar delas que possa importar para o conhecimento da natureza das coisas), e que seriam as nossas impressões e ideias - novamente um conceito introduzido por Hume onde as impressões são a nossa percepção do mundo, e as ideias, menos claras, seriam aquelas que restavam depois da percepção – que atribuiriam o valor de verdade às proposições.

Destas duas correntes devo afirmar que o racionalismo se apresenta como uma teoria mais consistente, porque vejamos que a razão enquanto fonte do conhecimento seria algo necessário ao mundo, e portanto tudo o que dela derivar será muito mais fiável e verosímil, do que se confiarmos nos sentidos, instrumento dependente de uma entidade contingente, e que portanto não poderia ser garantia de verdade de todas as premissas. Se estendermos os limites da consciência em função daquilo que percecionamos, a extensão da consciência vai ser inferior, em termos de conteúdo, àquela que teríamos se conseguíssemos pela razão estruturar e alargar os limites da consciência. Este ponto é evidente quando se nota que existem também problemas de cariz filosófico relativos à percepção do mundo, e que não é certo que o mundo seja tal como o percecionamos, e que esta seja a natureza da realidade. De facto, todo o nosso conhecimento pode estar baseado numa ilusão e todos os juízos de verdade que emitimos podem não ser de todo verdade.

Pode ainda verificar-se que existe uma corrente cética que defende a suspensão total do conhecimento, ou da procura deste, dado que argumenta que o ser humano não pode saber de modo algum se uma premissa é verdadeira – tendo por base a ideia de que se o conhecimento necessita de uma justificação acabamos por entrar numa regressão infinita e portanto acabamos por nunca conseguir justificar nenhuma premissa.



Carla Gomes



Cristina Garrido

Esta consideração, enquanto tese filosófica acaba por cair em si mesmo quando tenta argumentar a favor da sua própria tese. Ora se nada é justificável, então o ceticismo não consegue justificar ou defender nenhum dos seus argumentos.

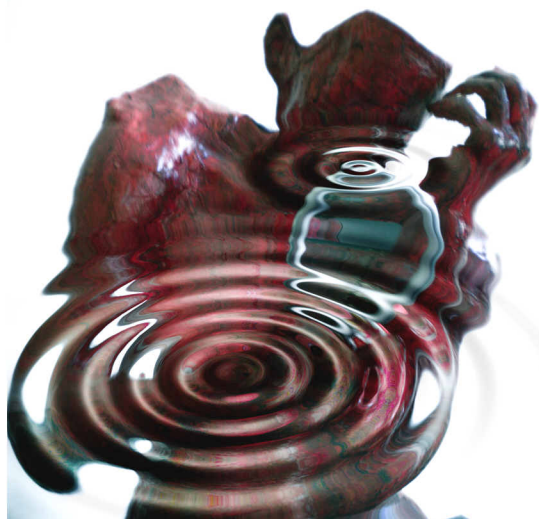
A questão do conteúdo é de longe mais interessante e intrigante que a questão da forma... Explico – será de todo em todo mais importante saber se existe ou não um valor de verdade, para cada proposição, de que propriamente se o Homem a pode alcançar. Ou seja, saber se existem respostas é o primeiro passo, e a força motriz para as encontrar. O papel da Filosofia é então, através de bons argumentos, conseguir argumentar de uma maneira coerente pela existência de uma verdade. Ora se a Filosofia concluir que a verdade existe de facto, então a Filosofia tem motivos para procurar pela verdade, mas se por outro lado, concluísse que não existe uma verdade metafísica das entidades, entraria em contradição (pois afirmaria que a verdade não existe, e que aquilo que o argumento defende é verdade...) sendo a resposta cética a mais adequada. Contudo, nunca uma tese cética, seja ela relativa à epistemologia, ou à existência metafísica da verdade, seria defensável, pelo que a resposta mais correta é procurar por argumentos que viabilizem a resposta de que a verdade existe e que devemos tentar encontrá-la.

A necessidade de encontrar respostas, faz parte da natureza humana, enquanto criatura cognoscente, mas a questão fulcral reside em saber a que perguntas temos que responder, e se as respostas existem de todo, tal como já havia mencionado.

Outra questão parece colocar-se sobre a natureza da própria verdade (assumindo que ela existe) – o que é de facto a verdade? A verdade, no âmbito da procura que a Filosofia faz, não mais é do que o conhecimento. Diria que o conjunto de todos os valores de verdade acerca de todas as proposições do universo seria o conhecimento, e por conseguinte, a verdade última acerca de tudo, acerca do universo em que vivemos.

Uma das outras abordagens da filosofia é pela sua componente ética. Quero com isto dizer que só pela investigação filosófica poderemos eventualmente definir que valores são defensáveis, ou que atitudes devemos tomar, funcionando como uma orientação, um guia para a nossa atitude enquanto seres, melhorando-nos enquanto pessoas.

Concluindo, a Filosofia é a atividade mais necessária, mais transversal e a que exige mais competências, e é aquela que se apresenta como o meio para satisfazer a curiosidade intrínseca ao Homem de saber como é de facto o mundo em que vive. Por todas as razões expostas, a Filosofia é a mais essencial busca pela verdade, pela verdade do mundo, e do nosso próprio ser. De um ponto de vista ontológico, a forma mais indicada para nos apercebermos da natureza humana, é refletirmos, de forma filosófica, ou seja, por argumentos lógicos, e usando proposições verdadeiras (ou pelos menos consideradas verdadeiras), para então conseguirmos evoluir para uma espécie mais consciente de si, e consciente do mundo. Apenas a Filosofia tem em si, os instrumentos e a capacidade, para permitir que o Homem se realize, descobrindo a sua natureza mais básica.



Carla Gomes



Andreia Carvalho

A filosofia reflete, estuda e tenta responder a questões relacionadas com todas as coisas, objetos, pessoas, valores espirituais e morais, a beleza e a arte, as ações do homem e o seu discurso e argumentos

Filosofia, Argumentação e Verdade

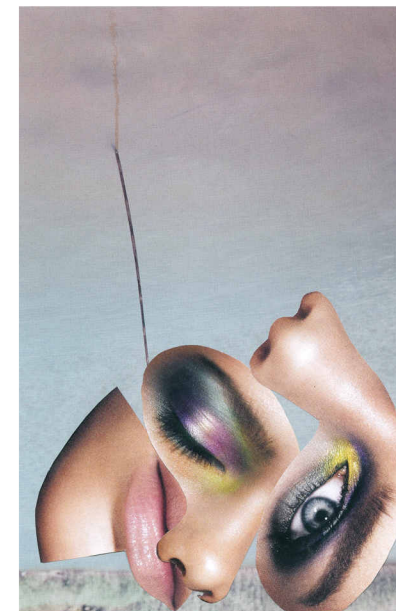
Roman Barchuck

Ensaio elaborado no âmbito da pré-selecção para as II Olimpíadas Nacionais de Filosofia de 2013

Todos nós sabemos que a filosofia não é uma ciência assim tão simples. No décimo ano aprendemos que a filosofia é uma ciência que reflete, que estuda e tenta responder a questões relacionadas com todas as coisas, objetos, pessoas, valores espirituais e morais, a beleza e a arte, as ações do homem e o seu discurso e argumentos. Aprendemos também que a filosofia está na origem de todas as outras ciências, ou seja, é a base ou o pilar que está na origem do desenvolvimento moral, cultural e científico do Homem.

Sendo o Homem o único ser racional existente na Terra ele tem a necessidade constante de alcançar sempre algo mais e saber cada vez mais, ou seja, o homem é um ser que procura constantemente a verdade acerca de tudo o que o rodeia e não se foca apenas no visível, mas também no moral e espiritual. A constante procura da verdade levou o homem a fazer questões que estão para além do nosso mundo e o seu conhecimento ainda não foi alcançado. É mesmo neste aspeto que entra a filosofia, uma vez que a origem da filosofia está em todos nós e, todos os seres humanos, sendo racionalmente dotados, têm o objetivo de filosofar, de fazer questões, de interrogar a origem das coisas e de procurar sempre, e apenas, a verdade.

Todos os dias nós fazemos perguntas para as quais nunca poderemos obter uma resposta concreta, tais como: será que Deus existe? Será que o conhecimento é sempre verdadeiro? Este tipo de perguntas gera sempre grandes polémicas na sociedade e não estou a falar apenas de nós, mas também das civilizações antigas, nomeadamente a grega onde a filosofia nasceu e teve o seu maior desenvolvimento. Onde eu quero chegar com esta questão é que existem milhares de teorias acerca de milhares de coisas e todas elas são aceites pelo Homem. E sabem porque isto acontece?



Bárbara Ferreira



Ana Rita Martins

Porque é impossível ter a certeza de algo que não foi provado racionalmente e apoiado por argumentos válidos e, mesmo sendo apoiado, será que isso o torna verdadeiro? A grande questão que se coloca neste ponto é: será então que o conhecimento é universal e sempre verdadeiro? A minha resposta para esta pergunta é definitivamente um NÃO. Se o conhecimento fosse sempre verdadeiro o Homem nunca colocava questões acerca da verdade das coisas e, mesmo as coisas que podiam ser consideradas verdadeiras antigamente, nomeadamente várias questões e problemas científicos, são consideradas completamente falsas e até absurdas hoje em dia. Por exemplo: antigamente pensava-se que a Terra estava no centro do Universo – e este até era um argumento apoiado cientificamente e logicamente pela maior parte da sociedade, ou seja, na altura era considerado um conhecimento inquestionável e completamente verdadeiro. Felizmente houve e sempre haverá pessoas que questionam esse conhecimento considerado tão verdadeiro e procuram sempre a verdade. Mesmo hoje o que nós consideramos ser um conhecimento válido e verdadeiro pode não o ser daqui a alguns anos.

Como já referi anteriormente a filosofia é uma ciência que estuda a verdade das coisas e interroga tudo o que rodeia o Homem. Aliás, Sócrates foi um dos filósofos mais brilhantes de toda a história da humanidade uma vez que, para além de ser o pai e o criador da filosofia, o método favorito utilizado por Sócrates para chegar à verdade era fazer perguntas e interrogar as pessoas acerca de tudo o que era considerado supremo e verdadeiro. Na minha opinião todos nós devemos seguir o exemplo de Sócrates, uma vez que é assim que se forma o conhecimento. A filosofia também é uma ciência que estuda a verdade e a validade do discurso e dita as principais regras e normas que tornam um discurso válido e logicamente aceitável. Ao ligarmos estas duas ideias podemos afirmar com clareza que a filosofia procura sempre a verdade das coisas utilizando para tal argumentos válidos e racionalmente aceitáveis.

Para concluir gostava de referir que, tal como Roma, o conhecimento não se constrói num dia, mas, tal como o Império Romano, por mais forte e estável que ele seja, um dia pode vir a desmoronar-se. Isto quer dizer que nós nunca podemos ter toda a certeza acerca da verdade de algo. Se o ser humano ainda nem se conhece completamente a si próprio como pode ele conhecer o resto do mundo? Devido a este facto eu espero que as pessoas nunca deixem de filosofar e refletir sobre as coisas, uma vez que a única forma de chegar à verdade é questioná-la.



Ana Rita Martins



Artur Carneiro

O objetivo da Filosofia é a total compreensão do Homem e da sua realidade, a verdade na sua completude.

A Filosofia é o que tu Pensas

Ana Marta Capaz

Ensaio elaborado no âmbito da pré-selecção para as II Olimpíadas Nacionais de Filosofia de 2013

A Filosofia significa algo como “amor pelo saber”, etimologicamente falando. É um campo vasto, creio que sem limites bem definidos. O seu objetivo é a total compreensão do Homem e da sua realidade, a verdade na sua completude.

Seria fácil se a Filosofia tratasse apenas de formular teorias (polémicas ou não) sobre o nosso mundo e a nossa existência, sem que estas tivessem (ou devessem ter) qualquer credibilidade. Por vezes um indivíduo é tomado como credível e as suas opiniões são aceites, não devido à sua capacidade de argumentação, mas devido à sua reputação, estatuto social... Mas pondo esses casos de parte, é fácil constatar que uma teoria só pode ser aceite, ou compreendida, se devidamente fundamentada.

A Filosofia ensina-nos e ao mesmo tempo “obriga-nos” a ter essa capacidade. É fácil dizer, por exemplo, que o ser humano é livre. Até é uma ideia que nos agrada e nos dá a sensação de poder e controle sobre a nossa própria vida. No entanto, há que saber explicar porque é que o ser humano é livre. Nessa altura, há de haver sempre alguém que o negue, que refute a nossa teoria e diga: “Não, o Homem é (total ou parcialmente) limitado e determinado pela Natureza”. Iniciar-se-á então uma discussão, uma troca de ideias e argumentos até (tentar) chegar à verdade: “O ser humano é livre” ou “O ser humano não é livre”.

Feliz ou infelizmente, a Filosofia não é assim tão linear e, até ao momento, a maior parte das suas questões ainda não têm resposta definitiva, aceite por todos. Esta divergência de opiniões acontece em todos os campos da vida, por isso é que as pessoas são diferentes, e ainda bem.



Vanessa Marques



Teresa Dias



Teresa Dias

As pessoas têm opiniões diferentes nas coisas mais básicas, por isso é que se vestem todas de maneira diferente, por exemplo. O indivíduo A considera mais apropriado usar calças de ganga e camisola branca, acha até mais estético. O indivíduo B pode achar demasiado simples e preferir uma camisa e uma saia elegante. Se estas duas personagens conversassem então sobre o que seria mais adequado vestir, provavelmente nunca chegariam a uma conclusão e acabariam vestindo o que achassem melhor. Então, se até nas questões do quotidiano os Homens têm divergências, nas questões mais profundas e filosóficas é impossível (na minha opinião) algum dia chegar a um consenso.

Mas será que esse consenso é assim tão importante? Será que o indivíduo B se incomoda por estar perto do indivíduo A, uma vez que este tem um estilo de roupa diferente? Não deveria... E será que um libertista se incomoda se estiver em contacto com um determinista? Será que este o vai prejudicar, por ter uma visão acerca da liberdade diferente? Creio que não.

A Filosofia é uma procura constante da verdade. Mas a verdade pode ser diferente para cada pessoa. Cada pessoa vê o mundo de uma determinada forma. Essa visão do mundo (influenciada pela sociedade, pela família...) reflete-se nos seus atos e, ao mesmo tempo, influencia-os. A verdade dessa mesma pessoa é semelhante, por exemplo, a outra que viva no mesmo local, que pertença à mesma faixa etária e que frequente os mesmos sítios. Mas é muitíssimo diferente da verdade de alguém que viva inserida numa cultura completamente diferente, vê o mundo de outra forma, tem outros hábitos e outras verdades.

Em relação aos valores, há teorias que defendem que estes existem objetivamente em todas as coisas e que o papel do Homem é descobri-los. Outras defendem que os valores estão nas pessoas, que valorizam as coisas que por si só nada valem. Creio que com a verdade se trata do mesmo dilema. A verdade, ou realidade, existe de facto (para cada aspeto da vida) ou depende de cada indivíduo e da sua perspetiva? Penso que também não há uma resposta definitiva para esta questão, mas pessoalmente considero a segunda resposta mais acertada.

A Filosofia implica a reflexão individual de cada um. Esta reflexão é influenciada por fatores externos, é "processada" pelo indivíduo num processo mental e é depois aplicada na sua vida, influenciando ou não os demais. Se sim, servirá também de fator exterior para os outros. Vivemos em comunidade e as nossas ações influenciam os indivíduos à nossa volta, especialmente aqueles com quem mais contactamos. Da mesma forma que as ações, gestos e opiniões dos outros nos influenciam e nos fazem refletir, creio que as nossas também podem ser muitas vezes vistas, analisadas e criticadas pelos demais. Desta forma, podem servir como fator externo de orientação às suas ações.

O papel dos filósofos é, penso eu, transmitir as suas reflexões devidamente fundamentadas e "convencer" as pessoas de que estão certos, de que aquela é a melhor forma de ver o mundo e viver a vida. As pessoas poderão concordar com eles e seguir as suas teorias na procura da felicidade e equilíbrio. Podem também ter a reação contrária, discordarem totalmente e continuarem a sua vida, segundo os seus valores.

Há algum homem suficientemente culto, sábio, imparcial, inteligente para refletir e chegar a uma verdade universal que traga a felicidade e completude à vida de todos os homens? Creio que não. A filosofia é uma busca contínua e individual que pode, como disse, ser transmitida aos demais. Creio que deve mesmo haver essa partilha, pois as opiniões de outros (concordemos ou não com elas) far-nos-ão pensar sobre as nossas, e eventualmente mudá-las, tal como as nossas podem mudar as dos outros.

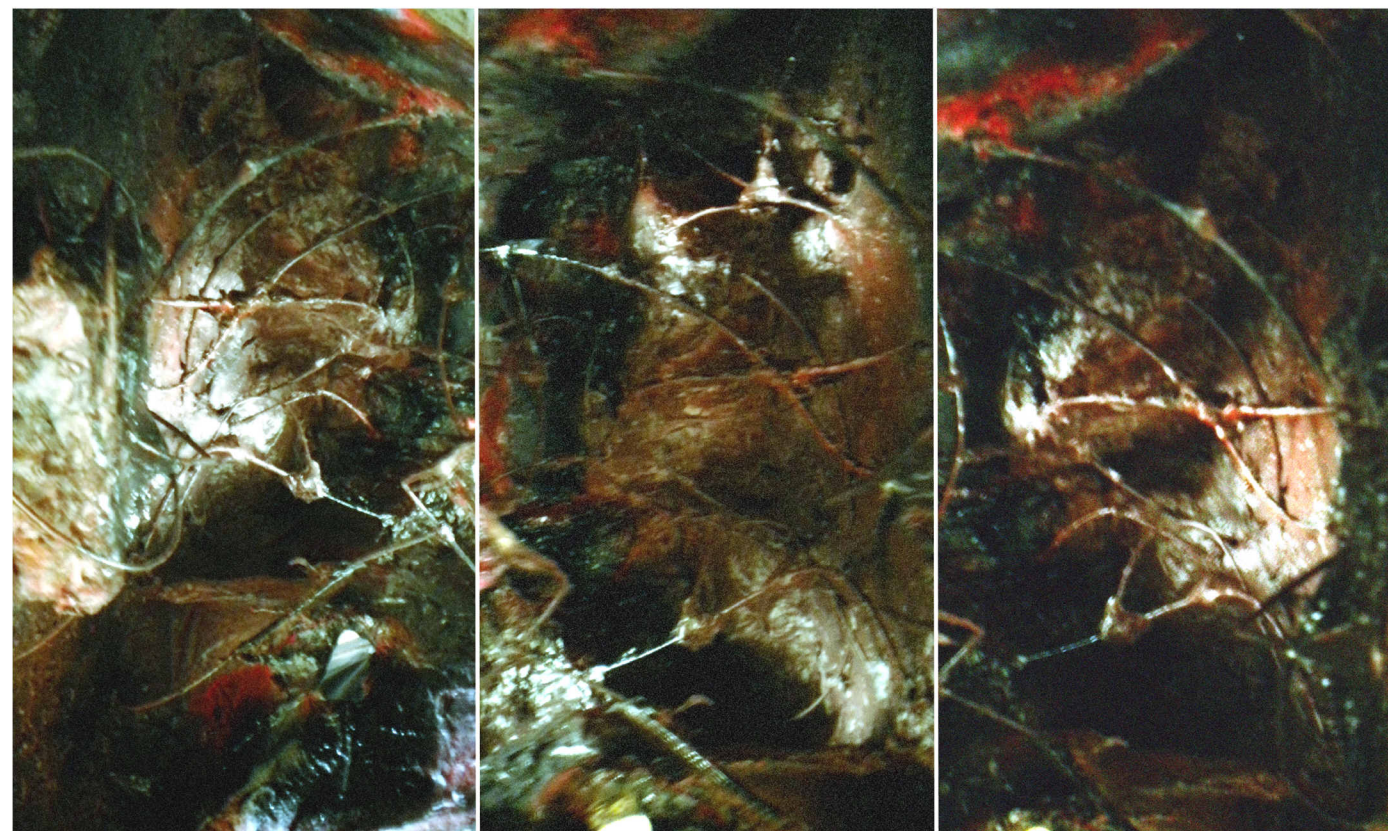
Penso que, à semelhança da diversidade cultural, a "diversidade de verdades" é uma coisa positiva, desde que haja sempre respeito pelas opiniões alheias. Para além disso, é quase uma forma de nunca deixar o Homem sem nada que fazer. Na nossa vida, mesmo que não tenhamos nada prático para fazer, há sempre coisas em que devemos pensar para nos sentirmos bem interiormente. Para além disso, ao termos as nossas opiniões e prioridades definidas (o melhor possível) temos mais facilidade em tomar decisões.

O problema é que esta "diversidade" ou "divergência" de opiniões e perspetivas, tal como na cultura, pode dar origem a conflitos. Mas a real razão de tais conflitos não é a diferença, é a não-aceitação e o desrespeito pelas opiniões alheias. A diferença, em si, é uma coisa boa, em relação a tudo. Num ambiente repleto de pessoas diferentes (em termos de cultura, política, idade, sexo, origem, raça, religião... e opinião em relação a temas filosóficos) não há lugar para a monotonia, haverá sempre tema de conversa ou debate e haverá sempre algo para aprender. O próprio ambiente físico em que vivemos, a Terra, é heterogéneo (o clima varia com a localização geográfica; há lugares húmidos e secos, montanhas e depressões, parias e montanhas...), logo o seu "recheio" terá também múltiplas diferenças.

Concluindo, considero que a Filosofia é uma área de investigação muito vasta, que se estende a todos os recantos do nosso mundo e da nossa vida. É uma reflexão gigante, que se subdivide em vários temas e questões e que tem como objetivo o encontro da verdade e das respostas a essas questões. No entanto, essas respostas são diferentes para cada pessoa, pois cada pessoa vê o mundo de modo diferente e creio que é impossível determinar qual a teoria mais acertada em cada domínio da vida.

A teoria mais acertada é aquela que faz o indivíduo sentir-se mais completo, feliz e equilibrado consigo próprio. O papel de cada um é, então, procurar as suas próprias respostas, podendo e devendo haver sempre partilha de opiniões que enriquecem as pessoas. Para além de tudo isso, o respeito é algo que nunca deve ser esquecido e a diferença deve ser vista como fonte de riqueza e aprendizagem e não como fonte de conflitos.

A Filosofia é como o último respirar de cada um, fonte de vitalidade e equilíbrio pessoal.



Rodrigo Lourenço



Joana Mendes



Ana Nascimento

Se nós, enquanto seres humanos, fizermos uma introspeção em relação aos motivos que nos levam a agir, rapidamente chegamos à conclusão de que, embora sejamos capazes de agir racionalmente, na maior parte das nossas ações não o fazemos.

A Essência do Homem

Tomás Silva

O Homem é considerado um animal racional, pois age, ou melhor, tem a capacidade de agir segundo a razão. Contudo, na minha opinião, não nos devemos referir ao Homem como um animal racional; não que eu queira dizer deste modo que o Homem não é racional, mas simplesmente que não é a Razão o fator mais influente na ação humana – na deliberação e no processo de tomada de decisão.

Segundo a filosofia moral de Kant, a vontade humana é influenciada por dois grandes fatores na tomada de decisões. O primeiro, é a sensibilidade, que inclina o homem a agir de acordo com os prazeres, os sentimentos, as emoções, as conveniências, etc.... O segundo é a Razão. A Razão é o que nos faz agir de acordo com uma norma necessária e imparcial, é o que nos aponta o dever. Ora, se nós, enquanto seres humanos, fizermos uma introspeção em relação aos motivos que nos levam a agir, rapidamente chegamos à conclusão de que, embora sejamos capazes de agir racionalmente, na maior parte das nossas ações não o fazemos. Nós, enquanto seres humanos, agimos maioritariamente com base nos nossos sentimentos, prezamos as nossas emoções, atendemos ao que nos convém.

Desta forma, creio que a expressão “O Homem é um animal racional” deve ser substituída pela expressão “O Homem é um animal emotivo”. Contudo, se refletirmos acerca desta última expressão, imediatamente chegamos à conclusão de que todos os animais são emotivos. Coloca-se então a questão “O que diferencia o Homem dos outros animais?” e a esta questão o leitor responde que é a sua capacidade de agir racionalmente. Mas como, na minha opinião, a Razão passa constantemente para segundo plano na tomada de decisões, talvez a expressão correta para definir o Homem seja “Homem, uma tentativa falhada de pura racionalidade”.

Bibliografia: Paiva, M., Tavares, O. e Borges, J. F. – Contextos - Filosofia 10.º Ano, Porto Editora.



Susana Monteiro

Sem valores o indivíduo não conseguirá imprimir à vida o seu justo e verdadeiro sentido. Porque os valores não se veem com os olhos, como as cores, nem sequer se entendem plenamente; são o conjunto das nossas experiências, preferências e princípios, constituem o indivíduo mas refletem, através dele, a sua cultura.

A Importância dos Valores

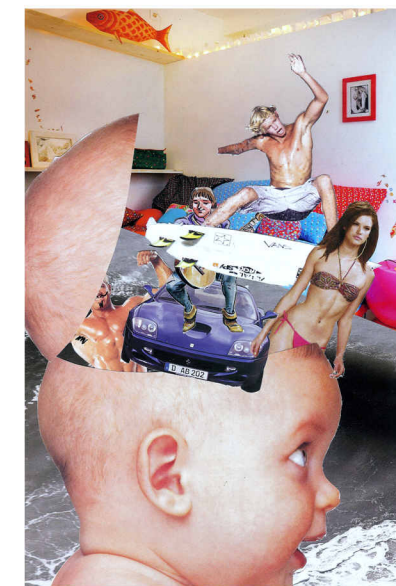
Ana Silva Pestana

A definição de valor gera muita controvérsia. Os valores podem ser entendidos como propriedade dos objetos, como ideia ou como apreciações que decorrem das nossas vivências subjetivas. Independentemente do seu caráter subjetivo ou objetivo, podemos definir valor como o resultado de uma apreciação e avaliação pessoal, que se prende com o sentimento ou com a emoção que nutrimos em relação a determinado objeto, pessoa ou situação.

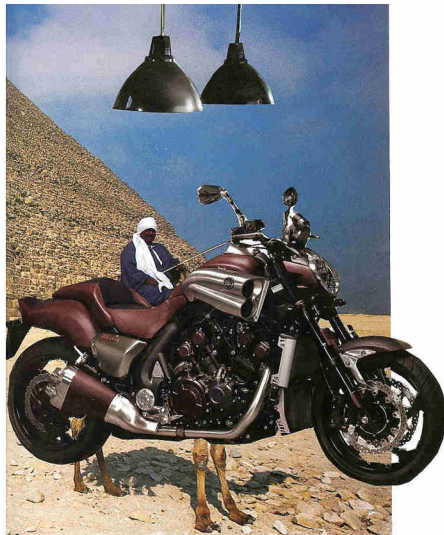
Deste modo, a ação de valorar acompanha-nos ao longo da vida, fazendo-nos estabelecer relações de dependência entre os valores: apercebermo-nos da importância de certos valores em relação a outros, ou seja, hierarquizar-los.

É através da experiência valorativa que o homem atribui valor às pessoas, objetos ou situações. É este processo de avaliação e valorização que nos torna seres sensíveis ao mundo; orienta-nos quando tomamos decisões que julgamos certas ou, deliberadamente, nas que sabemos erradas; em resumo, é através deste conhecimento subjetivo que escolhemos agir da maneira mais apropriada a cada situação.

Valorar é também importante nas relações com o outro, uma vez que apenas compreendemos verdadeiramente alguém quando conhecemos os princípios e o sistema de valores a que essa pessoa obedece. Todavia, para nos relacionarmos com o outro, é também necessário um profundo conhecimento do nosso próprio sistema de valores e do modo como os hierarquizamos. Quando conhecemos os valores e princípios a que outros indivíduos obedecem, apercebemo-nos da riqueza da diversidade individual e cultural, mas podemos notar também a existência de valores comuns, elos de ligação universais que transcendem o espaço e o tempo.



Hernâni Freitas



Edson de Abreu

Contudo, não existem verdades absolutas nos assuntos relativos à mente, espírito e consciência humana e, por isso, esta diferença e sobreposição simultâneas estão na origem de um dilema: serão os valores objetivos, independentes do sujeito e do ato de valorar, serão propriedades reais das coisas ou ideias que existem num mundo à parte (objetivismo axiológico)? Ou, por outro lado, serão subjetivos, dependentes do sujeito e da sua capacidade de valorizar, serão resultado das vivências humanas e da sua faculdade de estimar e desejar (subjetivismo axiológico)?

Na minha opinião, os valores são o resultado da experiência de vida de um indivíduo, das suas conquistas e dos seus fracassos. Variam de sujeito para sujeito, de cultura para cultura, de época histórica para época histórica, não existindo dois indivíduos com igual hierarquia de valores.

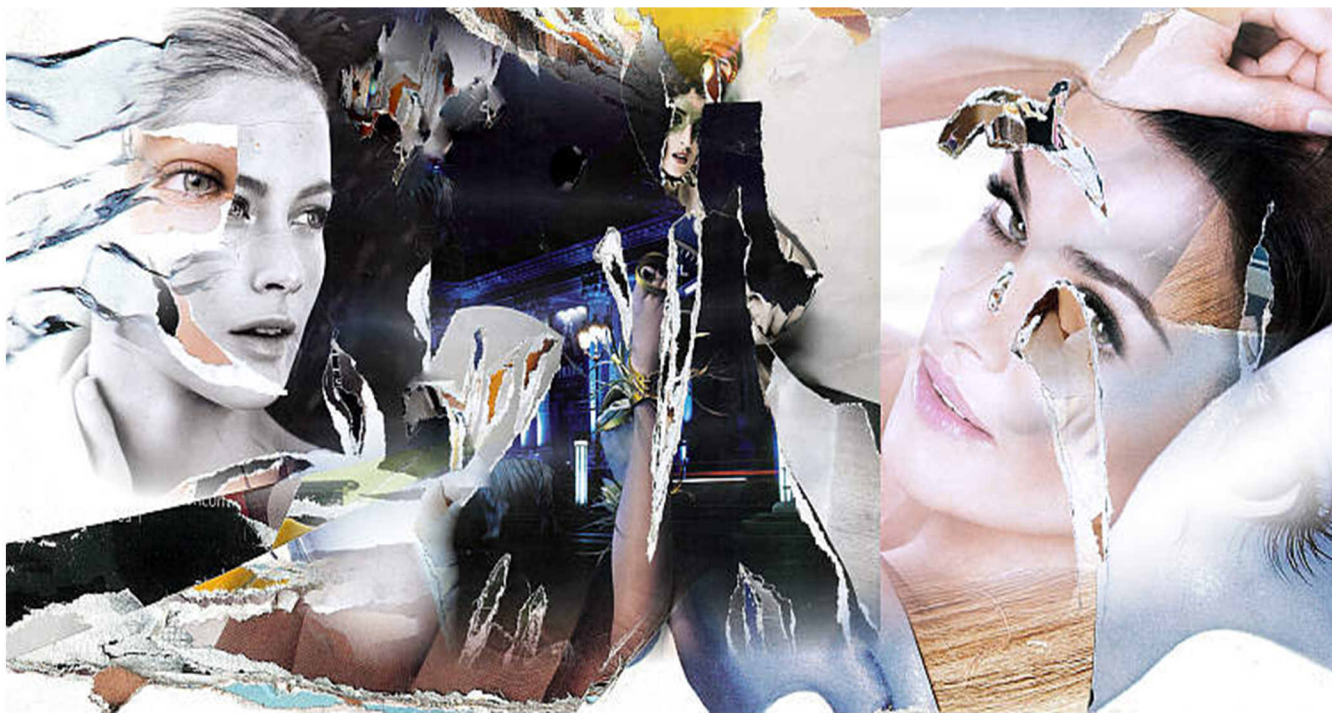
Porém, sou também da opinião de que os valores “amadurecem” connosco e se transformam com as experiências que vamos tendo ao longo da vida. A hierarquia de valores que consideramos nossa agora será inevitavelmente distinta quando formos mais velhos.

Por exemplo, os adolescentes valorizam os amigos, a diversão, a liberdade; apreciam a utilização de roupas de verão no inverno, uma vez que as roupas adequadas à estação não são igualmente giras. Como consequência, ficam por vezes doentes e passam por maus momentos, mas isso não constitui nenhum impedimento à repetição desses comportamentos irresponsáveis.

Sessenta e cinco anos mais tarde, quando se depararem com os problemas de saúde associados a idades mais avançadas, irão valorizar a saúde muito mais do que a aparência. Assim, podemos concluir que sem valores o indivíduo não conseguirá imprimir à vida o seu justo e verdadeiro sentido. Porque os valores não se veem com os olhos, como as cores, nem sequer se entendem plenamente; são o conjunto das nossas experiências, preferências e princípios, constituem o indivíduo mas refletem, através dele, a sua cultura. São, deste modo, concepções antagónicas, subjetivas e, ao mesmo tempo, objetivas, onnipresentes e pessoais.

A sua presença neste mundo gera conflitos, desacordos; mas confere à vida um significado, adoça e amarga os diferentes caminhos: as nossas escolhas.

Bibliografia: Paiva, M., Tavares, O. e Borges, J. F. – Contextos - Filosofia 10.º ano, Porto Editora.



Sara Correia, Sara Moreira, Susana Monteiro

É a nossa consciência, a nossa mente, que nos humaniza, que nos possibilita a adaptação ao nosso mundo e sociedade, cada vez mais complexos. É nela que reside a nossa identidade e todos os traços que nos tornam únicos e portadores de um conjunto de características que garantem a harmonia do nosso eu, tanto a nível físico, como psicológico.

A Raiz da Consciência

Sofia Mateus

A analogia feita entre o homem e as raízes de uma árvore é, a meu ver, exímia. Ora, os principais componentes de uma árvore são: as raízes, o tronco, os ramos e as folhas.

Segundo a minha interpretação, o homem e a sua mente (mundo interior e intransponível) representam a árvore no seu todo, incluindo, assim, todos os elementos acima referidos. As raízes são o conteúdo que a nossa mente comporta, o qual é “emaranhado” pela vastidão de pensamentos, memórias e todas e quaisquer representações que nela se instalam, passando a fazer parte de nós. Este “mundo” psicológico do ser humano é complexo e infinito tal como as raízes de uma árvore, que, pela quantidade incontável de filamentos, se torna única e um fator individual na identidade de cada um.

O tronco, os ramos e as folhas representam, assim, o nosso corpo físico, o visível, aquilo que é apresentado ao mundo exterior, o qual se apresenta de forma mais imponente e extremamente favorecido do ponto de vista estético, quando comparado com as raízes. O tronco, ornamentado pelas folhas, frutos e flores, torna-se o objeto sustentado pelas raízes, que são a componente mais vital da árvore. Sem ela, sem esse sustento vital, a árvore não estaria equilibrada.

Verifica-se também que a maior área da imagem é representada pelas raízes. Apesar da nossa mente estar relacionada com o nosso cérebro e este ser apenas uma pequena parte do nosso corpo, será que o conteúdo que a nossa mente comporta se restringe a essa área física?

Não. A meu ver, a mente, os nossos pensamentos, sentimentos e emoções vão para além disso, estão contidos num mundo interior infinito e confuso que se mostra impossível de localizar. Nunca senti que os seus pensamentos e toda a matéria que deriva de alguma análise pessoal e íntima seriam merecedores de uma área mais vasta do que aquela que lhes está destinada, ou seja, o cérebro humano?

A mente humana e toda a sua “bagagem” perde-se em filamentos e, por esta razão, torna-se deveras complicado incluir toda esta matéria numa única explicação. São demasiadas as ideias, pensamentos, representações que se encontram na nossa mente e consciência. No entanto, esta comparação entre o homem e todos os componentes da árvore é perfeitamente entendível, facilitando a compreensão da importância evidente das raízes, que são a força vital e, ao fim e ao cabo, as proporcionadoras de todo um equilíbrio que sustenta todo o resto.

Assim, o nosso corpo é, também, sustentado pela nossa consciência, pois a nossa mente revela-se fundamental para a nossa eutímia, equilíbrio físico e psicológico. Não seríamos humanos se não tivéssemos uma consciência, se não racionalizássemos, se não ponderássemos acerca das diversas questões que se atravessam no nosso quotidiano. É, então, a nossa consciência, a nossa mente, que nos humaniza, que nos possibilita a adaptação ao nosso mundo e sociedade, cada vez mais complexos. É nela que reside a nossa identidade e todos os traços que nos tornam únicos e portadores de um conjunto de características que garantem a harmonia do nosso eu, tanto a nível físico, como psicológico.



Sofia Mateus



Vera Ventura

Somos, na verdade, dependentes de várias ações que vêm de fora, não nos devemos iludir, devemos estar conscientes de que a independência nunca é total, tal como a liberdade não o é.

O Poder da Ação

Ana Catarina Monteiro

Ensaio elaborado no âmbito da pré-seleção para as II Olimpíadas Nacionais de Filosofia de 2013

Na disciplina de Filosofia estudamos no 10.º ano a ação humana e tudo o que a determina. A ação humana é constituída pelos nossos atos e pelas nossas escolhas e todos estes pontos definem o nosso caminho e, portanto, definem aquilo em que nos tornamos.

Há várias teorias para a explicação da forma como nós, Homens, atuamos. Há pessoas que defendem o livre arbítrio e afirmam que nós somos parcialmente livres; outras pessoas defendem o determinismo, isto é, uma espécie de predestinação em que, independentemente das nossas escolhas, o nosso futuro já está determinado e ainda outras que defendem correntes mais extremas como o libertismo que afirma a nossa total independência.

Quando agimos temos de estar conscientes de que as nossas ações são determinantes de várias questões. Não só determinamos algo no nosso caminho como também afetamos o dos outros.

A vida humana é ditada por uma constante busca da felicidade. À partida, todo o ser humano age de forma a garantir a sua satisfação, de forma a ir ao encontro de si mesmo. No entanto, as nossas ações intervêm muito no percurso dos outros. É por isso que o livre-arbítrio defende a nossa parcial liberdade. Num mundo com vários biliões de habitantes, seria impossível que fôssemos totalmente livres, visto que toda e qualquer ação nossa influencia a de alguém e se todos estivéssemos centrados apenas no “eu”, desprezando a liberdade dos outros, passaríamos por cima de pessoas que, tal como nós, também tinham objetivos. E qual é o sentido da vida se, para estarmos onde estamos, precisámos de menosprezar a liberdade dos outros?

Tal como a nossa ação influencia a de outrem, a de outrem também influencia a nossa. Por isso é que nos devemos esforçar por construir relações de respeito mútuo. São essas que nos permitem elevar os nossos mundos.



Ana Catarina Monteiro



Ana Rita Martins

Tenho toda a certeza de que é pela ação que nos construímos. Todo e qualquer pormenor sobre o qual tenhamos influência irá interferir, direta ou indiretamente, com aquilo que somos e com a forma como vivemos. E são estas formas de vida que constituem os nossos mundos. Os nossos mundos de crenças e de relações laborais e pessoais.

Defendo e reconheço que nem sempre é fácil agir. “Agir”, que palavra tão singela, mas, ao mesmo tempo, tão poderosa, tão determinante, tão exigente para connosco. Agir não é mais do que realizar ações, ações simples, do dia a dia, como levantarmo-nos de manhã, dizer “bom-dia”, “boa-tarde”, caminhar para a escola, entre muitas outras que realizamos todos os dias voluntariamente. Contudo, é certo que não temos noção do quão determinantes são tais ações. Este “agir” determina quem somos e as relações que estabelecemos com os outros; este básico “agir” determina o nosso mundo. A ação do Homem não está baseada em grandes feitos ou em boas ações. A ação do Homem é todo o conjunto de atos, decisões e atitudes que se tomam ao longo da vida.

Pergunto-me se não deveríamos refletir mais nas pequenas coisas que fazemos diariamente. Um “bom-dia” de manhã ao senhor da portaria, por exemplo, consegue determinar a ideia que esta pessoa tem em relação a nós. A doação de roupas que não usamos para instituições de cariz social não só interfere positivamente com as pessoas que a vão receber como também nos define. Por isso mesmo, tudo é relevante. Até o facto de refletirmos tão pouco sobre questões como esta nos determina. Não seria importante darmos alguns minutos de atenção diários àquilo que fizemos durante o dia? Àquilo que faremos no próximo? O simples facto de pensarmos constrói-nos como pessoas, faz-nos reparar erros e melhorar atos, faz-nos evoluir. É essencial a construção dos nossos mundos, mundos esses onde nos encontramos, onde tentamos perceber-nos melhor e onde nos esforçamos por agir de acordo com a nossa consciência e de acordo com os nossos valores. Os valores são uma importante condicionante da ação humana, visto que, a partir do momento em que hierarquizamos valores, vamos agir sempre de forma a respeitá-los.

Agora questiono-me: será possível construirmos mundos que sejam apenas nossos? Que não tenham qualquer dependência do alheio? Penso que não. A nossa consciência pondera opiniões de outras pessoas; as nossas relações são com outras pessoas; o nosso futuro depende de outras pessoas; até o nosso “interior” e os nossos sentimentos, como a autoestima, a confiança e outros, dependem de outras pessoas. Somos, na verdade, dependentes de várias ações que vêm de fora, não nos devemos iludir, devemos estar conscientes de que a independência nunca é total, tal como a liberdade não o é. Está certo tentar construir o nosso mundo? Sim, acho que sim. Devemos trabalhar arduamente para isso, mas com consciência de que esse mundo nunca será só nosso, de que não são apenas as nossas ações que guiam esse mundo. Devemos estar conscientes que esse mundo é muito dependente de outras pessoas, especialmente daquelas que nos são próximas.

Apesar da reflexão e da consciencialização de que há tantas determinantes do nosso caminho, não se pode deixar de referir que a construção daquilo que somos, independentemente de todas as condicionantes, é o maior papel que temos na Humanidade. Somos todos Homens únicos e especiais, toda a nossa contribuição é indispensável para a sociedade, tudo o que fazemos, tudo o que pensamos, tudo o que dizemos, tudo o que queremos. As dependências não podem ser ignoradas mas também não podem ser sobrevalorizadas, isto é, não nos podemos deixar levar pelas “massas”, pelas ações da maioria e esquecer aquilo que somos e/ou o que queremos ser, temos de fazer soar a nossa liberdade de escolha, o nosso direito à opinião, temos de mostrar a nossa vontade de viver e a nossa vontade de vingar naquilo que fazemos. Não podemos deixar que as nossas ações sejam, facilmente, incluídas na maioria. Dessa forma, estaríamos apenas a contribuir para a construção de outros mundos com os quais não nos identificaríamos.

Para concluir afirmo, mais uma vez, que, apesar de todos os pontos contrastantes anteriormente apresentados, as nossas ações determinam o que nós somos e o que nós vamos ser futuramente. Por isso, faz sentido agir em prol dos nossos quereres, lutar pela nossa opinião e pela nossa liberdade e nunca esquecer que o nosso caminho é construído com todas as pequenas ações diárias, nossas e dos outros, e não apenas com grandes feitos pontuais. O livre-arbítrio beneficia qualquer um que tome decisões e atue a pensar em si, mas também, no próximo.



Joana Brites



Sara Ferreira

Quando agimos, atendendo que para todas as ações existem opções, livremente tomadas, temos de viver com as consequências delas, sejam elas boas, menos boas ou mesmo más.

A Ação na Construção do Ser

Hugo Rodrigues

Ensaio elaborado no âmbito da pré-seleção para as II Olimpíadas Nacionais de Filosofia de 2013



Filipa Machado

O Homem, como ser humano que é, ao longo da vida vai construindo uma personalidade com base nas suas escolhas. Na minha opinião cada pessoa quando opta por um “caminho” está a abrir novos percursos que derivam da sua opção, percursos estes que se a escolha se alterar estes se alteram também.

Desde que existe, cada pessoa forma uma personalidade com as escolhas que faz. Quando somos pequenos, novos e inocentes, as nossas escolhas, apesar de terem influência na nossa educação, normalmente são contrariadas ou influenciadas pelas escolhas feitas por alguém responsável por nós, alguém que nos dirige para um caminho que no seu entender será o ideal. Este tópico, na minha opinião, volta-se muito para a questão da educação e da formação psicológica de cada um.

Através de uma ação, por vezes involuntariamente, escolhemos quem pretendemos que sejam os nossos “amigos”, e todo o meio onde nos inserimos. Um bom exemplo pertencente ao quotidiano é o “Reggae”; este estilo musical com muitos seguidores que são também fumadores de drogas, por influência do conhecido Bob Marley. Acho que posso generalizar dizendo que os grandes “amantes” do estilo musical seguem os passos dele, seja através de *rastas* como através de consumo de drogas e outros hábitos do conhecido “Rei do Reggae”. Acho este exemplo bastante abrangente e intuitivo quanto à ligação ao tópico escolhido porque conseguimos identificar várias ações que, queiramos ou não, vão influenciar na formação tanto do sujeito a nível pessoal e privado como na escolha dos “mundos” que o rodeiam.

O homem antes de agir tem um período de reflexão, por vezes longo e outras vezes quase instantâneo, mas não é nesse momento que nos definimos como “personalidades” que somos. Pelo contrário, quando agimos, atendendo que para todas as ações existem opções, livremente tomadas, temos de viver com as consequências delas, sejam elas boas, menos boas ou mesmo más.

A ação é um conceito muito forte no que toca à formação de uma personalidade e na escolha dos “mundos” que rodeiam o homem porque ao contrário de um pensamento volátil, uma ação que seja feita não poderá jamais ser desfeita, sejam quais forem as consequências disso; são incontornáveis! Exemplificando com escolhas generalizadas, quando optamos por seguir estudos ou ir trabalhar, beber leite ou chá, estudar na véspera de um teste ou jogar em casa de um amigo, comer ou não comer, dormir ou não dormir, estamos sempre (mesmo que não seja óbvio), a influenciar a nossa personalidade.

Se bebemos leite e não chá, podemos sempre reagir alergicamente à lactose que caso optássemos pelo chá não aconteceria. Se escolhêssemos ir trabalhar em vez de estudar, provavelmente teríamos que nos sujeitar a empregos que não gostamos ou mesmo que não suportamos, o que torna muito difícil o dia a dia. Caso optássemos por acabar os estudos, podemos mais uma vez optar por um caminho que nos agrada e abrir uma panóplia de novas escolhas que podemos fazer. Se não comermos ficamos com fome, se comermos podemos não gostar da comida. Pegando na frase dada pela prova, “É pela ação que o Homem se constrói a si mesmo e aos seus mundos”, podemos argumentar a favor enumerando vários exemplos comprovativos desta tese como os que dei anteriormente mas vou optar por pegar literalmente na frase e obter dela algo exemplificativo e a favor da tese apresentada.

Podemos dizer que cada escolha ou opção que tomamos é simbolizada na frase pelos materiais de construção; exatamente como nas escolhas, os materiais são uns mais importantes e cruciais que outros. Se optarmos (e agora pegando num exemplo anterior) por prosseguir estudos numa determinada área que nos agrada, o impacto provocado por esta ação, derivada de uma escolha tomada, é enorme, pois vai ter impacto tanto na vida social, emocional, financeira e mesmo talvez alguma influência na formação de outros novos indivíduos. O mesmo se passa quando construímos um edifício, se a base de armação obedecer aos critérios base e for forte e de qualidade vai ter um impacto muito maior do que por exemplo a pintura do interior de um elevador que apesar de “manchar” a obra não influencia a parte técnica e funcional do projeto. Este último “acabamento” podia simbolizar a escolha quase insignificante do corte de cabelo que escolhemos em determinada altura da nossa vida.

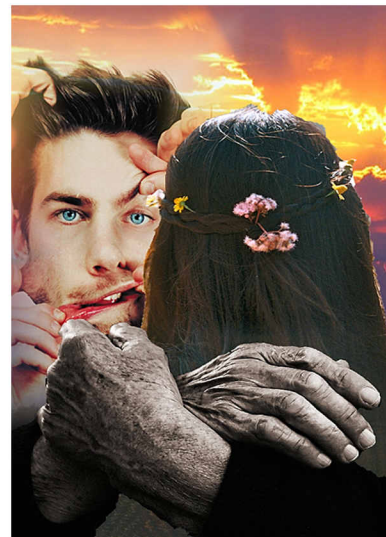
Concluindo, tudo à nossa volta é uma escolha e quando decidimos as opções que escolhemos para serem transformadas em ações estamos a contribuir para a construção do nosso “ser”. Desde o início deste ensaio que tenho feito diversas opções que não só estão a ter um efeito imediato na construção da minha personalidade, pelo facto de estar a refletir sobre temas nunca antes desenvolvidos por mim, como optei também pela estratégia argumentativa a favor da tese, defendendo-a. Como uma rede de escolhas e decisões, fico neste momento a aguardar as consequências das minhas escolhas anteriores desde a inscrição que efetuei até ao ensaio que elaborei, passando pela preparação e experiência filosófica que adquiri durante todo o percurso e esperando também ter conhecimento sobre a existência ou não de consequências que daqui advenham, e quais serão.



Joana Guilherme



Cláudia Matos



Vanessa Marques



Vanessa Marques

A partir das ações é possível perceber o caráter e a personalidade.

É pela Ação que o Homem se Constrói a si mesmo e aos seus Mundos

Inês Morais

Ensaio elaborado no âmbito da pré-seleção para as II Olimpíadas Nacionais de Filosofia de 2013

Uma ação vale por vezes muito mais que palavras. Uma ação define quem somos, o que queremos e o que conseguimos. No meu ponto de vista existem dois tipos de ações, as boas e as más que têm sempre consequências no Homem que as praticou, mas também nas pessoas e no mundo que o rodeiam.

A partir das nossas ações é possível perceber o nosso caráter e a nossa personalidade, algo que é importantíssimo. Por vezes, existem exceções, mas normalmente as pessoas que praticam as más ações são as pessoas de mau caráter, que têm como fim o mal, que pretendem afetar e destruir os outros. No entanto também existem as pessoas que praticam as boas ações, pessoas essas que têm um bom caráter e que pretendem ajudar os outros e praticar o bem. Claro que pessoas boas podem praticar uma má ação ou vice-versa.

Ao agir o Homem está a construir algo, seja a sua personalidade ou os mundos que o rodeiam. Na história foi sempre a ação do Homem que nos levou a algum lado, que nos fez acreditar e querer ir mais longe. É ao agir que estamos a viver. Mas as nossas ações podem significar e servir para muita coisa, podemos agir para ajudar alguém e aí acabamos por nos sentirmos melhor connosco próprios. Podemos agir para defender as nossas ideias, teorias ou os nossos interesses. Podemos agir para lutarmos por algo ou para conseguirmos chegar a um lugar. Podemos agir para prejudicar alguém, ou para conseguir algo passando por cima dos outros. Podemos agir para tanta coisa!

Todos os dias nós praticamos uma ação, todos os dias nós agimos perante os problemas ou perante qualquer desafio que nos apareça. Ao erguer a cabeça de manhã e pensar “eu hoje vou para a escola com vontade e hoje vai ser um dia produtivo” ou “vou estudar muito esta semana para ter boa nota no teste de matemática” já estamos a agir, estamos a definir o que queremos para podermos praticar a ação. É a maneira como agimos que mostra o que somos capazes de fazer e como somos capazes de fazer algo.



Beatriz Roquette



Beatriz Roquette

A adolescência e a infância, para mim, são as fases da nossa vida onde mais definimos quem somos e o que procuramos. É nessa altura que construímos os nossos pensamentos, as nossas ideias e a nossa personalidade. E são as nossas ações que nos tornam o que somos hoje, são as nossas ações que criam a ideia que os outros têm de nós. Através das ações não nos definimos só a nós, mas também definimos o nosso mundo, pois são as nossas ações que criam o nosso mundo.

Eu concordo plenamente com a frase: “É pela ação que o homem se constrói a si mesmo e aos seus mundos”.

Se não fosse pela ação do Homem que nos construímos a nós próprios e os nossos mundos por quem seria? Se não fossem as nossas ações a definir quem somos o que iria definir?

Afinal é através das nossas ações e das ações dos outros quem vêm os nossos pensamentos, as nossas teorias, as nossas ideias, os nossos gostos. E é o Homem quem pratica as ações; claramente não são as ações dos animais irracionais que nos constroem a nós e aos nossos mundos. O Homem é o único animal racional e como tal é o único cujas ações têm impacto na nossa sociedade.

Não são só as nossas ações que nos afetam mas também as dos outros. As nossas ações, sejam grandes ou pequenas, acabam por afetar a sociedade e os que nos rodeiam. Mas tudo depende do quão grave ou bondosa é ou não a ação.

Imaginando que estamos na nossa casa, as ações que temos podem afetar ou não os familiares que vivem connosco, como, por exemplo, se bebermos tudo o que resta do último pacote de leite vamos “prejudicar” o nosso irmão, ou seja quem for que não vai poder beber leite. Claro que não é uma ação muito grave mas talvez afete quem vive na mesma casa que nós.

Imaginando que um senhor muito rico faz um donativo para todos os sem-abrigo que vivem em Portugal e lhes arranja casa, comida e trabalho. A sua ação vai ter impacto na vida de muitos homens e mulheres que passavam por tamanhas necessidades e que não tinham uma vida digna. Embora seja uma boa ação, teve impacto nas pessoas que foram ajudadas e teve impacto no próprio homem que ajudou quem mais precisava. O senhor que fez o donativo enriqueceu a sua alma e a si mesmo, praticando o bem.

Vamos imaginar algo de maior gravidade: estamos num avião onde está um terrorista com uma bomba e pretende explodir o avião quando estivermos a voar. A sua ação não o vai afetar só a ele, vai afetar as pessoas que estão naquele avião e, por consequência, vai afetar os familiares e amigos dos passageiros que morrerem naquele ataque terrorista.

Imaginando agora que o Primeiro-ministro decide aumentar ainda mais os impostos para todos os cidadãos sem exceção, decide também fazer alguns cortes e despedir 25% dos trabalhadores públicos e, para finalizar, corta em todas as ajudas e abonos para a população, o que nos leva a uma crise gravíssima, onde são poucos os que têm dinheiro para comer. A sua ação vai ter consequências muito graves, pois vai afetar a vida de todas as pessoas que vivem em Portugal.

Depois destes exemplos é impossível dizer que não é o homem que se constrói a si mesmo e aos seus mundos. É pois o homem que constrói os seus mundos com as suas ações. É com certeza o homem que através das suas ações se constrói a si mesmo.

O nosso mundo é marcado pelas más e pelas boas ações que nele são praticadas, ambas ajudaram a sociedade a mudar, pois por vezes aprendemos com os erros e por vezes uma má ação pode levar a muitas boas ações. É através das nossas ações que nós e a nossa sociedade evoluímos.

O homem tem o poder de construir-se a si mesmo e aos seus mundos, mas tem também que arcar com as consequências e admitir os seus erros.

Quem más ações pratica, más ações irá recolher.

Quem boas ações “planta” boas ações irá “colher”.

É sem dúvida pela sua ação que o Homem se constrói e destrói a si mesmo e ao mundo que o rodeia.



Beatriz Nunes



Vera Braga

É evidente que não basta haver um sujeito capaz de decidir o que quer fazer, é imperativo que antes, este reúna os meios necessários à realização da sua tarefa.

Alicerce da Ação Humana

Júlia Batista

A ação humana é uma conduta consciente, voluntária e intencional que move o Homem num determinado sentido e, como tal, encontra-se subdividida em três elementos: condicionantes, sujeito e projeto. Tendo em conta que as condicionantes são o alicerce da ação humana, são sem dúvida o elemento mais importante.

Primeiramente, para que um sujeito possa realizar um projeto é fundamental que reúna as condições necessárias; são elas a educação, a cultura e os valores.

Como se pode verificar a educação é um processo que apela ao desenvolvimento intelectual, moral e físico que ajuda o indivíduo a adquirir conhecimentos, a adotar comportamentos e atitudes que contribuirão para a sua inserção na sociedade.

Uma vez inserido, é através do processo de socialização que o indivíduo usufruirá dos diversos elementos materiais e simbólicos que constituem a sua cultura. Por isso, importa salientar que a cultura contribui para a tomada de decisões uma vez que se manifesta na forma como cada um de nós pensa, sente e age.

Sendo os valores um dos elementos culturais, é importante frisar que estes, sejam eles morais ou materiais, são atribuídos ao sujeito durante a sua infância, acompanham-no ao longo da sua vida e “orientam o juízo das escolhas humanas”, segundo John Dewey.

Por estas razões, é evidente que não basta haver um sujeito capaz de decidir o que quer fazer, é imperativo que antes, este reúna os meios necessários à realização da sua tarefa.

Todavia, é crucial ter um sujeito motivado, livre, responsável, autónomo, com força de vontade e criativo. Com estas características o sujeito irá alcançar a sua realização pessoal através do desenvolvimento de um projeto do qual se orgulhe.

Concluindo, as condicionantes representam o alicerce da ação humana, são usadas no momento da conceção e são fundamentais para assegurar a concretização de uma ação.



Dina Martins



Inês Vilar

E se não foi Deus que nos criou a nós, mas sim nós que o criámos (isto é, que criámos a ideia de um ser perfeito) para nos reconfortarmos das nossas próprias situações negativas?

A Questão da Existência de Deus

Ana Carolina Trindade e Tomás Ambrósio

Muitas pessoas defendem a existência de um ser poderoso e superior a nós que nos guia e determina, que nos pôs na Terra com um propósito. Outras pessoas defendem que este ser tão especial e dotado não existe, que é apenas uma resposta às perguntas cuja resposta desconhecemos.

Deus é sinónimo de bondade e perfeição, mas o que é o Bem ou a Perfeição? Talvez devêssemos começar por tentar definir o que é o Bem e distinguir o Bem do Mal, mas nem isso sabemos. Então, como podemos saber que tudo o que Deus nos traz é bom? Ou como podemos interpretar que Deus é apenas bondade se nós próprios não sabemos o que isso significa? Se concluirmos que mal é tudo aquilo que nos entristece e bem é tudo o que nos faz felizes, como é que pode haver maldade num mundo criado por Deus? Ou como é que os “seus filhos” podem, por vezes, ser tão maléficos? Os seres que criou, imperfeitos, não se entendem acerca do bem e do mal; tudo o que a uns parece mau pode ser bom para outros, ou mesmo quem nos garante que não será diferente aos “olhos de Deus”?

E se não foi Deus que nos criou a nós, mas sim nós que o criámos (isto é, que criámos a ideia de um ser perfeito) para nos reconfortarmos das nossas próprias situações negativas? Não é nisto que consiste a fé? Agarramo-nos a algo superior (como Deus) para ultrapassar situações negativas ou nas quais não nos sentimos confiantes de nós próprios e tentamo-nos apoiar em algo superior a nós mesmos, porque acreditamos que esse algo superior ou divino nos irá ajudar. Se Ele é supostamente tão perfeito porque não criou indivíduos à sua imagem e semelhança?

Talvez nós, humanos, não consigamos apurar a verdade acerca deste assunto, já que vai muito para além as nossas capacidades de compreender o mundo (ou de o questionar). Nós, seres humanos, precisamos de provas, evidências ou factos para aceitarmos certas ideias, mas e quando não os temos? Apenas possuímos ideias, argumentos e contra-argumentos que nos fazem pensar sem que consigamos chegar a qualquer conclusão.

(Este texto surgiu na sequência do debate em torno das provas da existência de Deus organizado pelo Grupo de Filosofia no dia 1 de Fevereiro, nas comemorações do Dia da Escola. Resultou do debate de ideias e da reflexão pessoal dos seus autores).

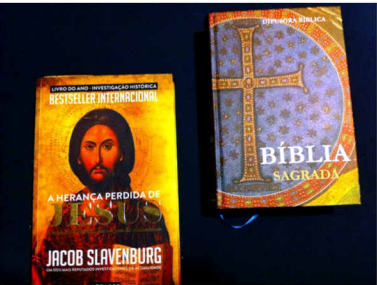


Cristiana Fortes



Joana Figueira

“Qual deve ser a verdadeira relação do homem com Deus?” “Será que necessita de ser mediatizada por uma instituição?”



Luís Benedito



Teresa Dias

O Homem e Deus

Luís Benedito

Quando se fala de temas que são habitualmente associados a tabus, a Igreja Católica Romana vem no topo. Esta instituição tem estado envolvida em diversas polémicas, criticadas duramente pela grande maioria das pessoas e também pelos seus crentes ou, como a igreja gosta de lhes chamar, o seu “rebanho”. Estas polémicas, são acompanhadas por duras críticas, tanto no plano ético, como moral. Pegando no exemplo dos casos de violação por parte dos padres, que têm sido noticiados, que desculpa é que pode a Igreja apresentar para não ser criticada no seu todo, se tentam abafar estas situações? Se o fazem, que mais poderão eles estar a abafar e a esconder? Mas não é apenas para criticar a Igreja que escrevi este texto. Há relativamente pouco tempo (1945), foram encontradas em Nag Hammadi cinquenta e dois escritos paleocristãos, tendo sido esta descoberta relatada pelo historiador Jacob Slavenburg, no seu livro “A herança perdida de Jesus” com factos que, curiosamente, não aparecem na Bíblia. Ainda relativamente a esse mesmo livro, uma pessoa que se tente informar minimamente, irá chegar à conclusão de que os seus livros (essencialmente o novo testamento, pois fala da vida de Jesus) foram escritos com base na oralidade (as histórias eram contadas de mãe/pai para filho/a e assim sucessivamente...) e passados imensos anos depois da morte de Jesus. Segundo a doutrina oficial da Igreja Católica, a Bíblia relata que Maria foi abençoada pelo Espírito-Santo e Jesus nasceu já com o Espírito Santo. Contudo, nos escritos encontrados, está escrito no testamento de Tiago, meio-irmão de Jesus, que Jesus não nascera com o Espírito-Santo n’Ele, mas que tivera um nascimento e uma vida normal, que Maria teria engravidado da maneira tradicional e que, em vez disso, teria recebido o Espírito Santo quando foi batizado por João no rio Jordão. Estes factos e ideias fazem-nos pensar. “O que é que terá realmente acontecido na altura em que Jesus viveu?” “Terá sido realmente como nos contam?” “Estará a doutrina da Igreja baseada numa mentira?”



Carolina Salvo

A maioria das questões religiosas e metafísicas são de difícil resolução, a sua abordagem depende de pessoa para pessoa e de cultura para cultura. A propósito deste assunto, surgem-me quatro perguntas, de ordem metafísica, religiosa, ética e antropológica. Metafísica: “Deus existe e terá existido mesmo um filho de Deus?” Religiosa: “Será a Igreja uma instituição realmente fidedigna?” Ética: “É correto a Igreja andar a abafar as suas polémicas, como os casos de pedofilia e violação, recentemente noticiados?” Antropológica: “Porque é que o ser humano engana e mente?” São todas boas perguntas, mas para as quais, apesar de as colocamos, muito dificilmente conseguiremos obter respostas. Penso que a Igreja, como instituição de grande importância social, deveria e poderia ajudar-nos a descobrir o sentido da vida, reforçar os verdadeiros valores, tão necessários nos dias de hoje, mas em vez disso acontecem situações, como as que relatei mais acima, que revoltam e deixam de inspirar confiança nos seus fiéis. Assim sendo, posso perguntar, em jeito de conclusão, se estaremos realmente a fazer o que é correto ao acreditarmos numa instituição que é alvo de tantas críticas. “Qual deve ser a verdadeira relação do homem com Deus?” “Será que necessita de ser mediatizada por uma instituição?”

Bibliografia: Jacob Slavenburg, «A Herança Perdida de Jesus», Marcador Editora, Queluz, 2012. «Bíblia», Editora Difusora Bíblica, Lisboa, 2010.

O verdadeiro sucesso precisa sempre de umas gotas de inconformismo.

As Regras Foram Feitas para Serem Quebradas

Mariana Amado Trancoso

Vivemos num mundo regido por padrões e regras. Vivemos num mundo em que para se ser bom basta seguir e cumprir o caminho já anteriormente traçado por tantas outras pessoas que se revelaram boas. Nas escolas do meu Portugal somos incentivados a saber de cor as matérias que vêm nos manuais escolares, apenas para chegarmos a testes ou exames onde despejamos o nosso suposto conhecimento – para muitos, dias depois a nota seria uma lástima se tivessem um teste-surpresa. Contudo, se pensarmos em alguém que consideramos muito bom num determinado assunto, jamais o associamos a alguém que seguiu regras ou padrões. Para além disso, raramente algum muito bom teve o apoio da sociedade quando iniciou os seus projetos que, mais tarde, lhe trouxeram reconhecimento e credibilidade. É aí que surge o conceito de inconformismo. Inconformado é aquele que, por qualquer razão, acredita em si sem ter de recorrer aos padrões dos outros. Inconformado é aquele que tem coragem para pensar por si. Inconformado é aquele que não gosta de dogmas – prefere verdades. E, no fundo, o que é a verdade? Muito daquilo que antigamente foi dito como certo, como cientificamente provado, hoje é diferente. A Terra já foi o centro do Universo – sim, foi; foi (forma verbal do verbo ser no pretérito perfeito do indicativo) porque era verdade, no inconsciente coletivo daquela época. Hoje não é e qualquer um de nós sabe que, na verdade, nunca foi. O inconformismo, isto é, a capacidade de pensar e fazer diferente, está diretamente relacionado com o à vontade com o conceito de mudança. E na base da mudança está, regra geral, o inconformismo. Mudança é o elemento-chave da evolução. Por muito conformado que um determinado indivíduo seja, jamais poderá discordar disto. Não há nada em que possamos pensar em termos de evolução sem que lhe esteja adjacente uma qualquer mudança. Nós próprios, seres humanos, que vivemos num processo de desenvolvimento ativo, somos seres em constante processo de modificação ao longo da nossa vida.



José Pedro Ferreira



Inês Vilar

Inovar torna-se imperativo para os jovens que hoje em dia querem vingar num mercado de trabalho que deixou de ser maioritariamente nacional, para se adaptar ao processo de Globalização que cresce a larga escala por todo o mundo, dando lugar a um mercado internacional. No entanto, ainda falta um certo espírito de risco ao qual muitos não se dispõem a correr – daí que o inconformismo seja uma atitude atribuída a minorias. Apesar disso, é de reconhecer que acaba por ser vantajoso, deixando assim espaço para os inconformados poderem vingar. Tudo acaba por ser equilibrado, até porque nunca poderia existir inconformismo sem uma maioria conformista.

Quando existe vontade, desejo, ambição e gosto, os ingredientes estão todos reunidos para darem lugar a uma mescla explosiva de sucesso. Acredito que o verdadeiro sucesso precisa sempre de umas gotas de inconformismo. Fora isso, a verdade é que os bons não vivem mal. Mas entre não viver mal e poder arriscar em algo que permitirá um viver concretizada, acredito que vale a pena correr riscos. Vale a pena dispormo-nos a cair, mais que não seja pelo prazer de posteriormente voltarmos a tentar até conseguirmos subir. Contudo, só um inconformado com espírito de inovação consegue compreender esse prazer – o prazer de aceitar e gostar de mudar, o prazer de arriscar. Acima de tudo, o prazer de conseguir. Nem todos podemos ser Lincoln's, mas também nem todos gostariam de passar pelo caminho que ele pisou até conseguir o que quis.

A culpa impede o Homem de expor e utilizar o seu potencial. Através do medo de errar ou da recordação de um erro cometido no passado, dos valores que a sociedade defende e do que é considerado correto ou errado, surge a culpa e, com ela, a noção de castigo, represália e reprovação.

A Culpa

Rita Costa

Segundo os estudos da Psicologia, a culpa é parte integrante do vasto conjunto de emoções que o Homem detém, e que condicionam o seu comportamento.

Pertencendo ao domínio das emoções, a culpa é momentânea, isto é, dura no tempo, tem um princípio e um fim. Dependendo da intensidade com que a sentimos, ela terá um determinado impacto na nossa vida mental.

A nível corporal, esta é uma emoção que pode provocar em nós alterações físicas através de expressões faciais, gestos ou movimentos, e surge a propósito de um acontecimento, pessoa, recordação, ideia. A culpa é, então, uma reação a uma experiência específica e é determinada pela interpretação dada pelo ser humano aos factos.

Segundo António Damásio, a culpa pertence às emoções secundárias, das quais também fazem parte a vergonha, o ciúme e o orgulho. Implica uma avaliação cognitiva das situações e o recurso a aprendizagens feitas.

As conceções de Freud, e também de Nietzsche, contribuíram para a difusão da culpa como algo negativo na sociedade. As teses que apresentam são distintas e, na época em que foram elaboradas, causaram algum choque pelas suas ideias “radicais” e peculiares por considerarem que o sentimento de culpa e o que dele deriva são prejudiciais para a felicidade e consciência humanas.

O conceito de culpa foi abordado na obra de Freud e constituiu um dos seus focos principais relacionando-a com o diagnóstico de neuroses.

Na tese de Freud, a culpa está intimamente relacionada com o mal-estar, e a procura da sua erradicação, isto é, o facto de o Homem tentar superar esse mesmo estado é o que o conduz a um sentimento de culpa - “o preço a ser pago pelos avanços na civilização é uma perda de felicidade em decorrência da intensificação do sentimento de culpa”.



Mariana Meira



Sara Moreira

Sigmund Freud desenvolve a sua tese com base em ideias já abordadas por Nietzsche, considerando que o Universo é ausente de culpa. São as leis morais impostas pelo contexto social que, à margem dos desejos do próprio indivíduo, definem o certo e o errado, o bom e o mau, e regulam os costumes e comportamentos da sociedade coletiva.

Freud recorre ao termo “superego” como forma de se referir à pressão exterior exercida sobre o ser humano, que procura conter severamente a nossa consciência fazendo-nos crer que devemos conter os impulsos, desejos e instintos do inconsciente, evitando a sua exteriorização direta e espontânea por não corresponderem às crenças e convenções do mundo exterior.

Na sua opinião, a culpa formar-se-ia no interior, progressivamente, quando as tendências interiores do sujeito entram em conflito e contrariam as impostas e repressivas ideias do “superego”. Considera, portanto, que o ego, enquanto garante da racionalidade social deveria utilizar o seu poder, não para a imposição de normais morais, mas permitir e facilitar a satisfação dos impulsos e desejos.

Segundo Freud, “A negação leva à projeção”, isto é, ao negarmos o erro projetamos, nos outros, a culpa que sentimos no presente; construímos projeções da nossa culpa nos outros. Assim, chegamos à ideia de que o ser humano, ao cometer o erro no passado, sente culpa no presente, o que o conduz ao medo do futuro, medo da punição, do castigo por esse mesmo erro.

E o que define que cometemos o erro? O que é que nos faz pensar que fizemos algo de errado e nos provoca o mal-estar? - O “superego” de que nos fala Freud, ou seja, as ideias moralmente estabelecidas que, caso sejam contrariadas, levam o indivíduo a sentir que incorre num ato moralmente condenável, criando nele um sentimento de culpa e, conseqüentemente, de medo. “El sentimiento de culpabilidad, afirma en El Malestar de la Cultura, es la percepción que tiene el “yo” de la vigilancia que se le impone, es su apreciación de las tensiones entre sus propias tendencias y las exigencias del “superego” (in “EL SENTIMIENTO DE CULPA DE NIETZSCHE Y FREUD”).

Nietzsche realça que a culpa é meramente uma ilusão, algo que existe apenas em função da moral, ética, princípios, valores e religião, que faz o ser humano acreditar no pecado e sentir medo. Não só a culpa é uma ilusão, como também alguém que se considera feliz pode, na realidade, não o estar.

A culpa impede o Homem de expor e utilizar o seu potencial. Através do medo de errar ou da recordação de um erro cometido no passado, dos valores que a sociedade defende e do que é considerado correto ou errado, surge a culpa e, com ela, a noção de castigo, represália e reprovação.

Na minha perspetiva, a culpa torna o ser humano dependente e não passa senão da existência de medo, um medo que resulta das expectativas às quais desejamos ser capazes de corresponder. A culpa pode surgir, então, do sentimento de que não conseguimos corresponder a essas inúmeras expectativas do meio em que vivemos.



Rita Casqueiro

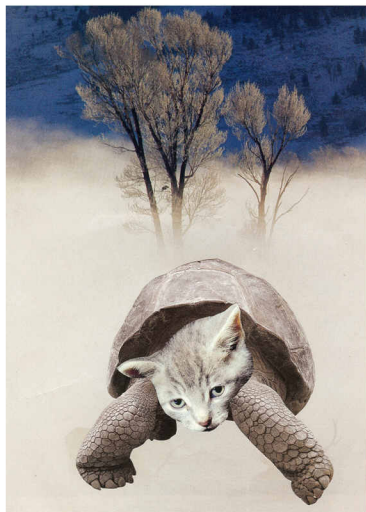


Kézia Horta

Quando ouve o som da porta a abrir corre para a cozinha para comer, sem ser necessário que a chamem.

A minha Gata e o Condicionamento Clássico

Carolina Bento



Carla Gomes

Desde muito pequena, sempre quis ter um gato. Certo dia fui ter com a minha tia e ela mostrou-me uma ninhada de gatinhos acabados de nascer. Não resisti e trouxe um para casa. Demorei dias e dias até escolher um nome para este novo membro da família, até que decidi chamar-lhe Minnie.

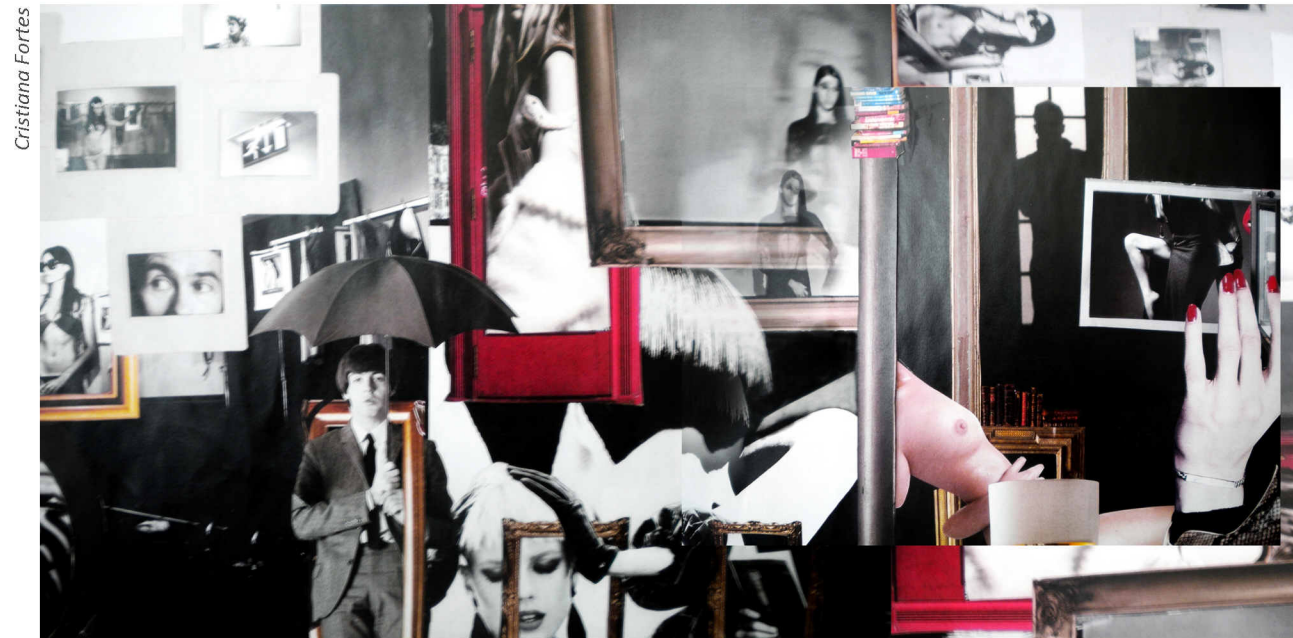
No início, sempre que a minha mãe chegava a casa, já ao final da tarde, chamava-a e ela aparecia na cozinha. Depois, enchia-lhe a tigela com comida e ela devorava-a rapidamente. Esta situação ocorria todos os dias.

Agora, assim que ouve o barulho da porta, vai a correr para a cozinha sem que ninguém a chame. Já sabe que chegou a hora de comer.

Esta situação lembra-me a experiência do cão de Pavlov, relacionando-se com a aprendizagem por condicionamento clássico. Admira-me o facto de a gata ter adquirido este comportamento sozinha. No entanto, é possível identificar os estímulos provenientes do meio que condicionaram o animal. Neste caso, o estímulo neutro é o barulho da porta a abrir, o estímulo incondicionado é chamarem-na para comer, a resposta incondicionada é ela aparecer na cozinha, o estímulo condicionado é o som da porta a abrir associado ao chamamento da gata para comer e a resposta condicionada é a gata aparecer na cozinha assim que ouve o barulho da porta a abrir.

Posso concluir que a gata aprendeu um novo comportamento: quando ouve o som da porta a abrir corre para a cozinha para comer, sem ser necessário que a chamem. Curioso é o facto de isto só acontecer quando a minha mãe chega a casa, sempre à mesma hora. Se for noutra altura do dia e outra pessoa entrar em casa, a gata não reage e não se comporta daquela forma.

Este acontecimento ajuda-me a compreender melhor a experiência de Pavlov e a medida em que o meio nos condiciona, pois comportamo-nos consoante o ambiente em que nos inserimos e agimos dependendo dos estímulos que recebemos do exterior. O nosso comportamento pode ser modelado, controlado e previsto.



Cristiana Fortes

Os sociopatas apresentam-se, em quase todos os casos, como narcisistas. Consequentemente, estes costumam ser charmosos, manipuladores e egocêntricos não dando qualquer sinal de se passar algo de errado na sua mente.

Um Grupo de Cem Pessoas. Onde está o Psicopata?

João Nuno Jorge

Venho propor um exercício ao leitor. Preparado? Imagine 100 pessoas que conheça. Fácil, não parece? Analise estas pessoas. Algumas conhece melhor, outras só conhece superficialmente e algumas são as pessoas em quem confia mais neste mundo. Nestes 100 indivíduos que pensou, não conhece, certamente, todos até ao mínimo detalhe da sua personalidade, mas o leitor gosta de pensar que conhece minimamente qualquer uma destas pois, se não as conhecesse, não as teria imaginado. Neste momento, as estimativas dizem que uma pessoa que o leitor imaginou é um psicopata. Sim, um psicopata. Provavelmente estará a pensar, agora, que essa pessoa que imaginou poderá a qualquer momento assassiná-lo, ou raptá-lo ou fazer qualquer um desses atos que não passa em qualquer mente racional sem um motivo qualquer. No entanto, neste exercício, ao dizer que uma pessoa em cem é um psicopata estamos a tratar de probabilidades. Poderá não existir nenhum psicopata nesse grupo ou poderão existir vários. Contudo, para continuarmos o nosso exercício, iremos assumir que uma dessas pessoas é, de facto, um psicopata. Como é que o iria identificar? Existe um método? A análise do comportamento dessas pessoas é o método mais eficaz, a não ser que o leitor tenha acesso a uma máquina de TAC onde possa medir a atividade cerebral e verificar que a área do córtex pré-frontal, entre outras, de uma dessas 100 pessoas quase não apresenta atividade enquanto estuda exaustivamente o seu comportamento e as suas respostas a perguntas específicas. Não sendo isto uma alternativa, apenas pode comparar o comportamento das 100 pessoas da sua amostra com os comportamentos naturais e expectáveis de um psicopata. Assim, estas pessoas, que sofrem de um transtorno de personalidade antissocial, apresentam-se como pessoas sociáveis, bem comportadas, inocentes.



Catarina Guerreiro e Inês Fonseca



Edson de Abreu

Esta teatralidade é um fator comum entre estas pessoas e, tal como o camaleão que se camufla para não ser descoberto, os psicopatas escondem-se da sociedade ao serem “normais”. Por detrás desta maquilhagem, estes escondem comportamentos de impulsividade, agressividade, desrespeito e indiferença pelos outros, etc. Neste momento poderá estar a pensar que nunca irá descobrir esta pessoa e, provavelmente, nunca irá, mas já sabe que é mais provável não serem aquelas pessoas óbvias que poderá ter pensado: as tímidas, as que nunca vieram falar consigo, as gozadas, os “cromos”. Precisamente o contrário, os sociopatas apresentam-se, em quase todos os casos, como narcisistas. Consequentemente, estes costumam ser charmosos, manipuladores e egocêntricos não dando qualquer sinal de se passar algo de errado na sua mente.

Não o querendo assustar, digo que aquela pessoa muito social, que conhece toda a gente, charmosa, divertida e que toda a gente gosta, poderá ser de facto um psicopata. Considerada como perfeita, muitas vezes invejada e desejada, poderá ser, no entanto, alguém que não tem qualquer sentimento por qualquer ser vivo, que só vê os seus objetivos e que não terá qualquer problema em passar por cima de si se for do seu proveito.

A maioria dos psicopatas teve uma infância muito difícil: muitas vezes abandonadas ou vítimas de maus tratos, estas crianças não aprenderam com os seus pais as regras da sociedade ou, nem sequer, a socializar-se com os outros. Assim, sem estes primeiros passos, é muito improvável conseguir viver em comunidade pois nunca tiveram uma base de segurança para se segurarem quando eram crianças. Em adulto, é muito difícil pois, nesta altura, a identidade dos indivíduos já está criada, assim como a maior parte das atitudes que se tomam. Deste modo, a cura dos psicopatas é muito difícil.

Um grupo de 100 pessoas. Muito dificilmente irá encontrar o seu psicopata. Mesmo após ler como este se comportava, a maquilhagem ainda o tapa. Os seres humanos têm uma capacidade enorme de adaptação e o psicopata é um exemplo vivo – o seu controlo rígido sobre o seu comportamento só lhe permite ser descoberto quando quer ou quando a pressão posta sobre ele é demasiada pesada. Mas não se preocupe, a probabilidade de se encontrar com um destes indivíduos é de 1 por cento.



Cristiana Fortes



Rafael Ferreira

Descartes comete um erro ao dizer “eu existo”, devendo dizer “há pensamento em curso”, isto porque não podemos afirmar que para haver pensamento é necessário haver um pensador.

O Discurso do Método – Uma Análise Crítica

André Machado Gonçalves

Trabalho vencedor do concurso FILOSOFICAMENTE - 2012

If you would be a real seeker after truth, it is necessary that at least once in your life you doubt, as far as possible, all things.

I hope that posterity will judge me kindly, not only as to the things which I have explained, but also to those which I have intentionally omitted so as to leave to others the pleasure of discovery.

René Descartes

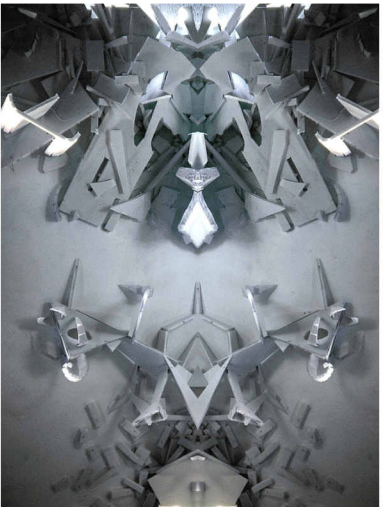
INTRODUÇÃO

Será que aquilo que conhecemos é, de facto, conhecimento? Entenda-se aqui por conhecimento a definição clássica tripartida de crença, verdadeira, justificada.

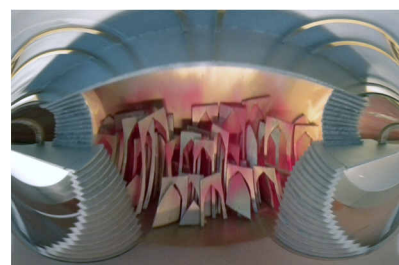
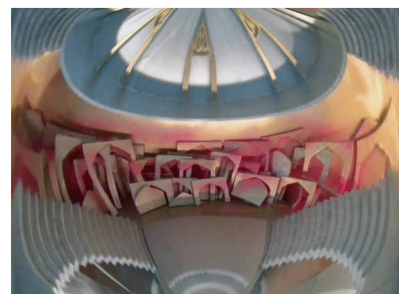
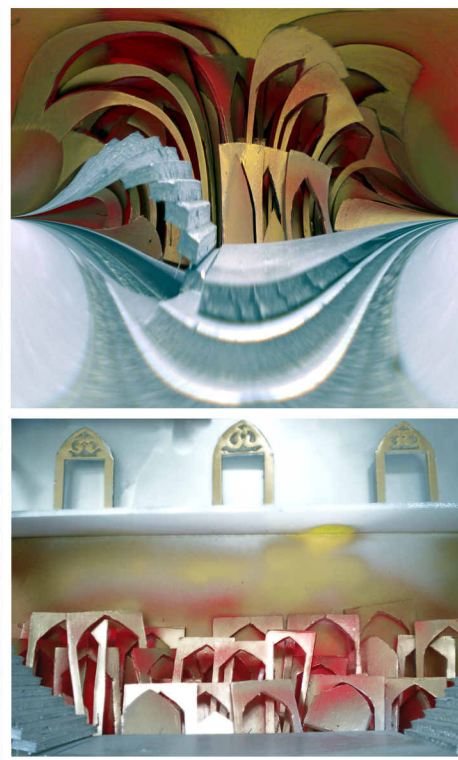
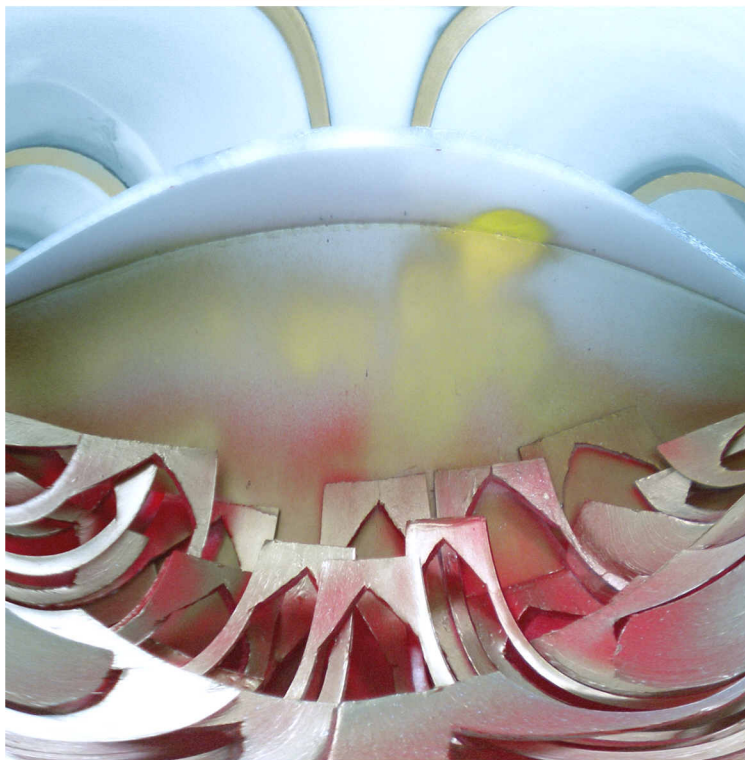
Esta foi a questão que René Descartes colocou, qual pequena criança de dez anos que por breves momentos julga que todo o mundo é um sonho. Mas porque não nos podemos questionar acerca disso? Claramente podemos, foi a conclusão de Descartes.

Mas como podemos então alcançar o conhecimento, se é que podemos? Teremos que derubar todo o nosso conhecimento atual e fundá-lo em bases sólidas a partir das quais possamos construir um verdadeiro edifício científico.

Descartes, pai da filosofia moderna, vai partir então nesta demanda de um ponto de vista diferente, e contra as correntes do seu tempo. Este filósofo enquadra-se no racionalismo, corrente filosófica que atribui um elevado valor à razão e defende que todos os nossos conhecimentos procedem dela a partir de princípios claros e distintos. Esta corrente opõe-se à corrente cética que defende que não temos conhecimento, no sentido forte do termo, e que tudo o que sabemos são crenças e opiniões, sendo portanto tudo relativo ao sujeito.



Tiago Frago Mendes



Susana Monteiro



Hernâni Freitas

Qual é então o objetivo de Descartes ao longo do seu Discurso do Método e nas suas Meditações sobre a Filosofia Primeira? Para Descartes a fundamentação do saber e a ordenação são as características fundamentais para os alicerces do conhecimento.

Torna-se aqui importante sublinhar que Descartes não foi em momento algum um cético convicto, e que quando aniquila todo o conhecimento já tem como fim o seu restabelecimento e nunca pretende que nós concluamos o contrário.

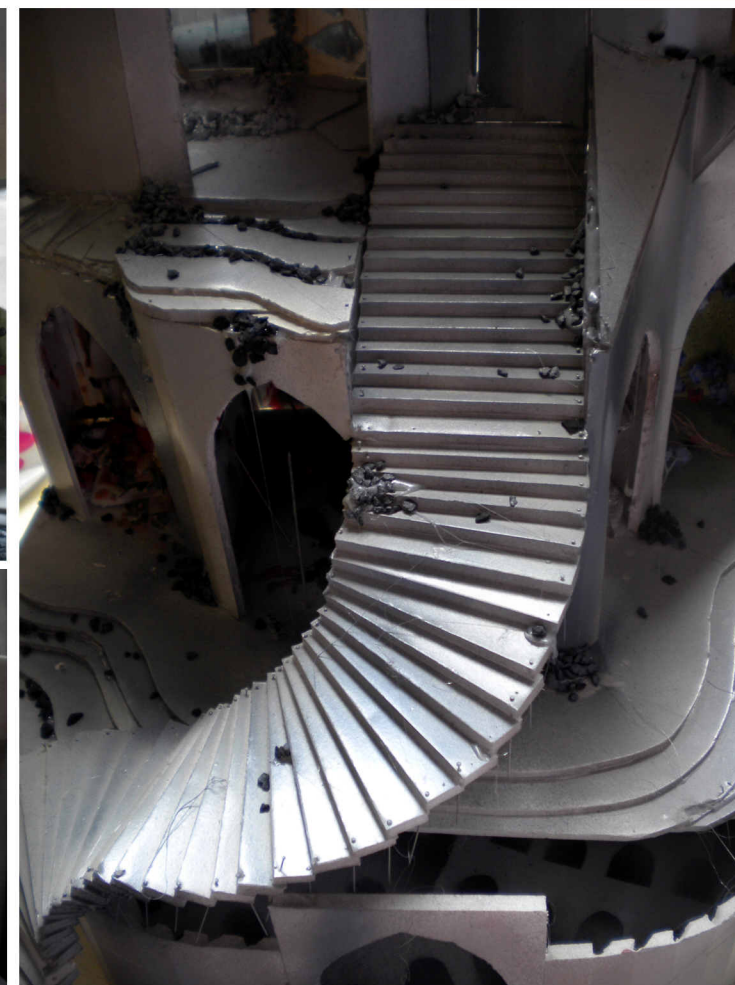
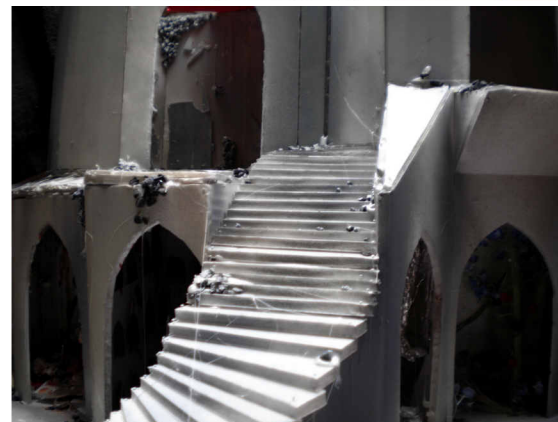
Depois de derrubar tudo o que considera saber até aos alicerces, Descartes reconstrói, com base em melhores fundações, segundo ele, todo o saber.

DERRUBAR O CONHECIMENTO ATUAL

“No entanto, no que concerne a todas as opiniões por mim abraçadas, ao longo de todo este tempo cheguei à conclusão de que nada melhor poderia ser feito do que varrê-las todas e por completo do meu pensamento, de modo que, mais tarde, possam ser substituídas, ora por outras melhores, ou pelas mesmas, quando estiverem de acordo com a uniformidade de um esquema racional.” (*in* Discurso do Método, 2.ª Parte)

O Método

Como mostrar então que todo o conhecimento não tem valor? Primeiro que tudo temos que seguir um método eficaz e que permite ordenar todo o saber. Descartes chegou à conclusão de que o que é desenvolvido pelo menor número de pessoas resulta num melhor produto final, havendo menos perfeição nos trabalhos compostos do que nos individuais. A partir daqui resolveu desenvolver um método para analisar as bases do conhecimento com apenas quatro regras, o que o tornaria mais perfeito e por conseguinte menos falível. Antes de enunciar as quatro regras, permitam-me que faça aqui uma pequena crítica: a ideia de que a perfeição é superior nos trabalhos individuais do que nos coletivos é fraca, pois isso é muito relativo à ação que se pratica e para além disso, os exemplos que Descartes utiliza são de alguma forma irónicos, pois baseia-se na realidade exterior (pelo exemplo dos arquitetos e dos edifícios) para tirar as conclusões. Esta é a mesma realidade à qual, inicialmente, Descartes vai tirar qualquer valor, afirmando que não podemos assegurar que existe. Passando esta crítica, enunciemos agora as quatro regras do método:



Evidência: não devemos considerar algo verdadeiro sem antes o reconhecer como tal, de forma clara e distinta;

Divisão: é mais fácil analisar cada dificuldade se a dividirmos no maior número de partes possível;

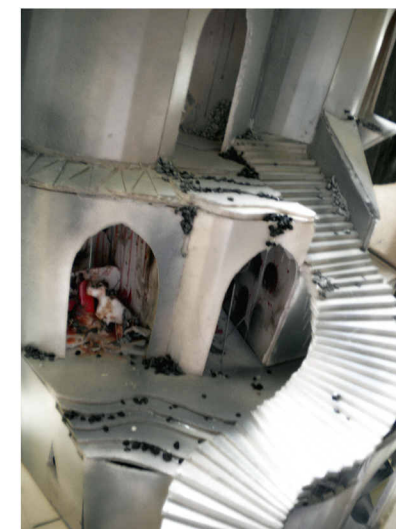
Síntese: refletir sobre os problemas, começando pelos mais simples e assumindo uma ordem de forma a chegar aos mais complexos;

Enumeração: consiste na revisão e permite que tenhamos a certeza que nada foi omitido. Daqui conclui Descartes que todas as coisas podem ser do conhecimento humano desde que sejam encadeadas de tal modo e utilizando uma dialética tal, que por deduções sucessivas e seguindo uma ordem correta, “não existe algo de remoto ao qual não tenhamos por fim acesso, nem algo tão recôndito que não possamos descobrir”.

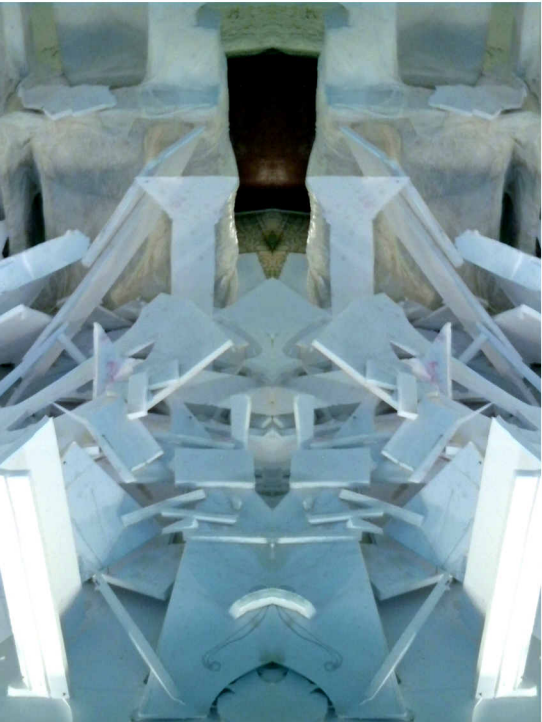
Descartes começou então a usar o Método para analisar as ciências, não as analisando todas de uma vez, mas sim uma a uma. Começou pela Matemática, pois era a que produzia conclusões mais evidentes, mas rapidamente concluiu que deveria agora inteirar-se dos princípios metafísicos, pois são eles que são a base de tudo o resto, e submetê-los ao Método. Usando este Método com sucesso, Descartes poderá construir novas fundações para o seu edifício que sejam de tal modo evidentes que o pensamento não possa duvidar delas e que todo o conhecimento dependerá delas, mas não reciprocamente.

A Dúvida

A partir deste Método, Descartes vai servir-se então de um instrumento que melhor lhe permitirá questionar, pôr em causa, todo o saber: a dúvida. Utilizando a dúvida e aplicando-a às bases do saber, tudo aquilo que não for claro e distinto é passível de ser falso.¹



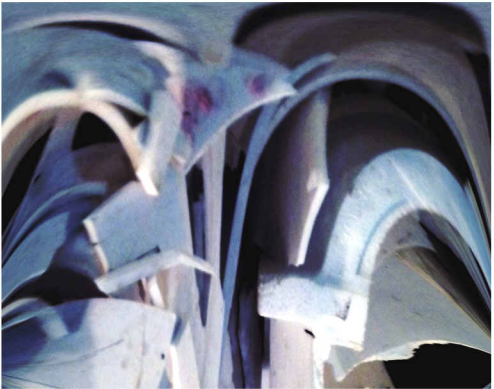
Joana Brites



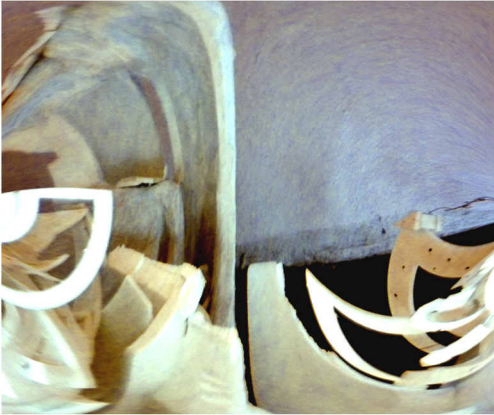
Carolina Rodrigues
Tiago Fragoso Mendes



Rita Casqueiro



Tiago Fragoso Mendes



Esta dúvida vai então funcionar como instrumento para avaliar a solidez dos princípios que sustentam o saber. Que características tem esta dúvida? Primeiro que tudo é metódica. Depois é hiperbólica, pois esta dúvida é propositadamente exagerada de modo a chegar a uma crença completamente inabalável. E por fim, a dúvida é voluntária, pois é usada pelo próprio sem querer generalizá-la ao Estado,² e provisória pois serve apenas como uma plataforma que permite chegar ao conhecimento fundacional. Aplicaremos então esta dúvida em três níveis que correspondem às crenças do conhecimento visado, o de raiz aristotélica:

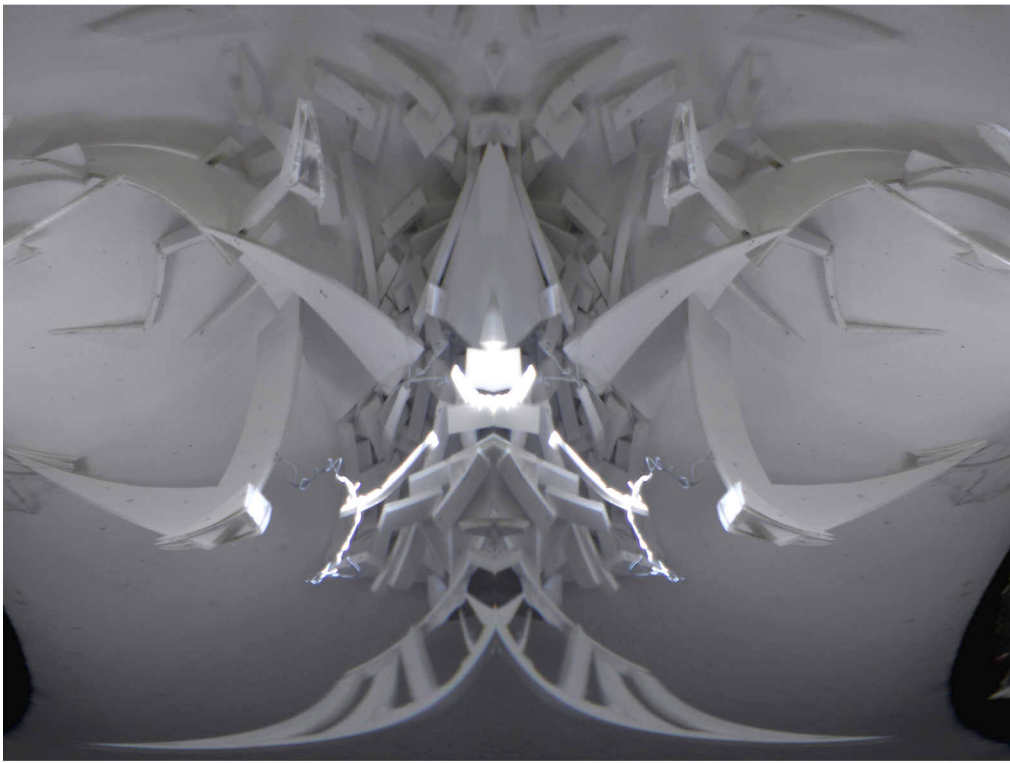
A experiência é a fonte dos nossos conhecimentos; os nossos sentidos são dignos de confiança; Existe um mundo físico exterior a nós;
O nosso entendimento/razão não se engana.

Será um pouco estranho, mas durante as próximas linhas parecerá que Descartes defende uma posição cética, mas de facto a única coisa que pretende é derrubar estas crenças básicas, e de modo algum assumir esta posição quanto à origem do conhecimento.

Num primeiro nível, Descartes afirma que não podemos confiar nos nossos sentidos. O seu argumento é este:

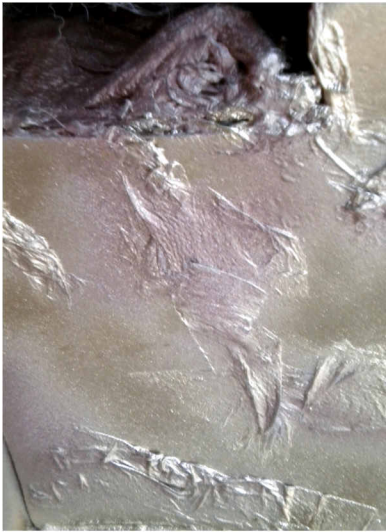
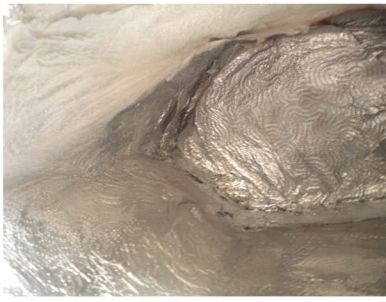
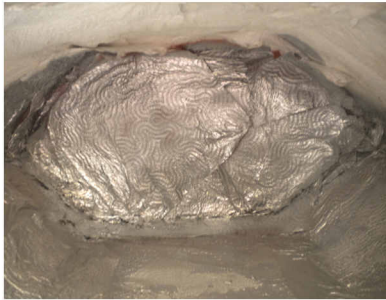
Os nossos sentidos já nos enganaram algumas vezes.
Logo, os nossos sentidos enganam-nos sempre.

Como argumento indutivo que é, a conclusão não se segue necessariamente da premissa e este argumento por si é fraco. Poderíamos aqui tentar estabelecer, como forma de contra-argumentar, que existem diferentes graus de certeza perante diversas situações e que há com efeito situações em que os nossos sentidos não nos enganam. Todavia, a posição cética afirma que mesmo nestas situações em que o que os sentidos nos transmitem parece indubitável, podemos duvidar disso. Há ainda uma outra crítica que me parece pertinente – só podemos saber que os sentidos nos enganaram porque confirmámos posteriormente que nos enganaram. Mas esta confirmação é feita pelos sentidos, o que torna a conclusão dependente da premissa. Vou esclarecer: se o João disser que José Sócrates ganhou as eleições de 2011 porque olhou para televisão, e por lapso da estação, aparecia lá que ele tinha ganho, só posso afirmar ao João que ele está enganado porque vi que foi Pedro Passos Coelho que ganhou as eleições.



Tiago Fragoso Mendes

Ou seja, são os sentidos que permitem concluir que os sentidos estão errados. Esta conclusão que retiramos do argumento de Descartes faz pouco sentido, pelo que o argumento é frágil. Para reforçar o primeiro nível de dúvida, que ao próprio Descartes pareceu fraco, ele introduziu uma variante, questionando: não podemos estar a sonhar? Como conseguimos distinguir o sono da vigília? Segundo Descartes, não podemos saber se num determinado momento estamos acordados ou a dormir, e portanto, nunca sabemos se aquilo que tomamos como experiência é na realidade um sonho. Perante isto, duas críticas me ocorrem. A primeira, enquanto sonhador que sou, é a de que consigo com alguma facilidade distinguir o sonho da realidade, e nunca um sonho me pareceu a realidade, contudo isto é uma experiência pessoal, e não posso aplicá-la a qualquer pessoa e afirmar incisivamente que todas as pessoas conseguem distinguir o sonho da realidade. A segunda crítica que me ocorre pensar está relacionada com o grau de consciência que tenho durante um sonho. Claramente durante um sonho julgo que não tenho consciência suficiente para me conseguir questionar sobre se estarei realmente a sonhar ou se estarei acordado, pelo que quando me questiono tenho necessariamente que estar acordado, e num sonho posso, quando muito, imaginar que eu estou a fazer uma pergunta e não a fazê-la efetivamente. Por fim a dúvida estende-se a um outro nível de aplicação – o de que a minha razão me pode enganar. Como defender que $2+2=4$ pode ser falsa? Descartes cria uma experiência mental assaz bem formulada: o génio maligno. Segundo o filósofo podemos imaginar uma entidade superior a nós, que ao contrário de Deus é enganador e faz com que sejamos sempre enganados até nas coisas que pensamos conhecer melhor. Para além disso, afirma Descartes, se no caso de rejeitarmos a existência de um ser Criador, temos ainda mais razões para acreditar que podemos ser constantemente iludidos. Com este estratagema Descartes põe em dúvida os princípios matemáticos, derrubando a última fronteira do saber.



Carla Gomes



Catarina Machado



Maria - Côte-real



RESTABELECER O CONHECIMENTO

Moral Provisória

“Finalmente, como se não fora suficiente, antes de iniciar o processo de reconstrução da casa onde habitamos, não é bastante deitá-la abaixo (...) sendo, portanto, também necessário termo-nos prevenido com outra casa, na qual possamos estar confortavelmente alojados durante o decurso da construção.” (in Discurso do Método, 3ª Parte)

Como verificamos neste excerto Descartes vai criar uma moral provisória para saber como agir no decurso da sua investigação epistemológica, e não seguir as opiniões de outrem. Para isso vai estabelecer três máximas que vão orientá-lo nas suas decisões:

Obediência às leis e costumes do seu país: enquanto as crenças estão sob escrutínio segue as opiniões alheias evitando os extremos;

Ser resoluto e firme nas ações e seguir de forma segura aquilo que tomar como opinião: assim vai manter-se mais próximo da moralidade;

Vencer-se a si mesmo, mais do que procurar vencer o destino: alterar os seus desejos ao invés de mudar o estado das coisas do mundo.

Esta descrição por si só tem importância, mas parece que tem uma maior relevância a sua descrição se sobre esta tomar algumas considerações. Quanto à primeira e segunda máximas parecem ser positivas no sentido de que conferem alguma neutralidade ao “arquiteto” que constrói o seu edifício. No que à terceira máxima diz respeito constato que esta extravasa completamente o grau de provisória. Considero que esta deveria ter um grau de efetividade altíssimo e que faz todo o sentido, ainda mais no dias de hoje, que seja o nosso pensamento e as nossas atitudes a adaptar-se à realidade, em vez que criticarmos as circunstâncias do mundo. Um dos exemplos de Descartes, e que é aquele que mais me faz sentido – “não desejaremos estar bem quando nos encontramos doentes ou livres, no caso de estarmos numa prisão” –, é claramente uma atitude moralmente correta e que devia ser definitiva e não provisória.

O Cogito

“Deste modo, soube que era uma substância, cuja total essência ou natureza reside no pensamento, sendo que para a sua existência não é necessário lugar algum, não dependendo, portanto, de algo material. De maneira que este “eu”, ou seja, a alma, através da qual sou o que sou, é inteiramente distinto do corpo sendo mais fácil de conhecer que este último. Acaso o corpo deixasse de existir, a alma não cessaria de ser o que é.” (in Discurso do Método, 4.ª Parte)

Estando todo o conhecimento desmoronado, como encontrar algo que seja indubitavelmente válido? Descartes conclui que para eu duvidar, ou para eu ser enganado pelo génio maligno, eu tenho necessariamente que existir. Daí a sua formulação sobrejamente conhecida – “Cogito, ergo sum” ou “Penso, logo existo”. Assim se eu sou uma entidade capaz de duvidar, então tenho que ser uma entidade, e isso é dificilmente refutável pelos céticos. Este é o primeiro princípio da filosofia que Descartes procurava.

Deste modo se estabeleceu o cogito. Todavia este cogito existente tem uma natureza não corpórea, ou seja, dá-se o dualismo corpo - mente cartesiano: temos por um lado uma *res cogitans*, a entidade pensante, a alma, e por outro lado uma *res extensa*, substância física que interage com a alma.

A descoberta do cogito é puramente racional, sendo considerada, uma intuição existencial, uma vez que o sujeito chega a esta conclusão de forma direta e imediata e da verdade desta noção não resta qualquer dúvida.

Parece então que chegámos ao primeiro princípio metafísico do sistema do saber. Será esta noção suficientemente forte para restabelecer o conhecimento? Do meu ponto de vista há algumas críticas que podemos apontar. A primeira crítica que ponho é se quando não pensamos, não existimos? É uma tentativa para refutar o cogito. Para além disto, Descartes comete um erro ao dizer “eu existo”, devendo dizer “há pensamento em curso”, isto porque não podemos afirmar que para haver pensamento é necessário haver um pensador. Este eu de “eu penso” pode ser tão vazio como o “ele” de “ele hoje ainda vem chuva”. Como último argumento considero que duvidar é mais perfeito que saber, contudo explorarei este argumento desenvolvido por mim após introduzir a base divina do saber.

Base Divina do Conhecimento

O cogito por si só dificilmente poderia constituir um fundamento sólido para o conhecimento. Portanto Descartes teria que arranjar uma segunda raiz para a sua árvore do saber. Ocorreu-lhe que como a *res cogitans* duvidava, era imperfeita. Contudo Descartes tinha uma ideia de perfeição – portanto, para ele, teria que haver uma causa para essa ideia. Essa causa era Deus, e se nós temos a ideia da perfeição, isto deve-se ao facto de uma causa com esse grau de perfeição no-la ter deixado. A partir daqui Descartes restabelece todos os outros conhecimentos da seguinte forma: se Deus existe e é perfeito, não me engana. Se Deus não me engana então posso confiar nos meus sentidos e na minha razão. Assim para Descartes o ser humano pode atingir qualquer conhecimento, desde que siga o Método de forma eficaz e correta, uma vez que Deus garante que não somos enganados. Três críticas julgo serem apropriadas para se colocarem neste momento. Primeiro que tudo, alguns autores defendem que Descartes se envolve numa petição de princípio, uma vez que defende que Deus justifica as ideias claras e distintas, mas as ideias claras e distintas justificam Deus. De facto, o raciocínio de Descartes parece incorrer num círculo vicioso, o que torna o seu argumento falacioso. Mas repare-se, segundo o filósofo não chegamos à ideia de Deus de forma dedutiva, mas sim de forma intuitiva. Ou seja, a ideia de Deus é uma ideia inata, depois justificada pela ideia da Perfeição, mas uma intuição não pode incorrer em falácias, donde se segue que apenas temos a ideia inata de Deus, sem possibilidade de a justificar.

Em segundo lugar, a defesa de Deus pela ideia da perfeição é fraca, no sentido em que não podemos derivar da simples ideia de Perfeição a existência de um ser perfeito, tal como não podemos retirar da ideia de uma pessoa maximamente pontual, a sua existência.

Por último construí o seguinte argumento, que pretende mostrar que Deus não é uma entidade pensante:

Qualquer ser pensante duvida.
Deus não duvida.
Deus não é um ser pensante.

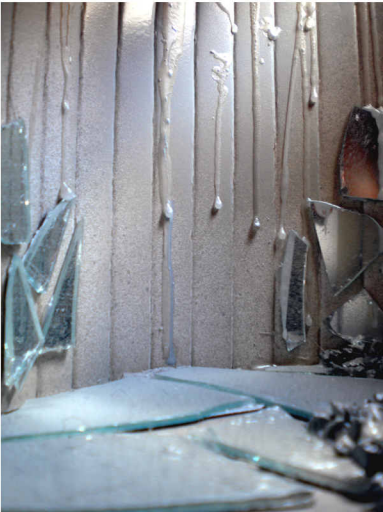
Todavia, a primeira premissa é discutível, dado ser concebível a existência de uma entidade pensante que não tenha a propriedade de duvidar, por exemplo Deus.

Não é claro que da conclusão do argumento – Deus não é um ser pensante - se possa assumir que Deus não existe. Claramente as duas proposições não são equivalentes.

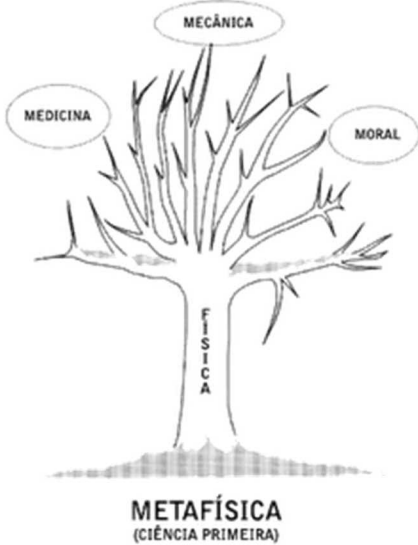
A Árvore do Saber

Podemos agora apresentar a árvore cartesiana do saber:

Concluimos que Descartes considera que as ideias inatas vão servir de fundamento a todo o saber e que por deduções sucessivas, utilizando corretamente o Método e a Razão, podemos chegar a todo o conhecimento.



Joana Brites





Carla Gomes



Edson de Abreu
José Pedro Ferreira
Tiago Fragoso Mendes

Apêndice A – COMO DESCARTES VÊ A NATUREZA

A Natureza como *res divina*

Como referi anteriormente há um argumento que desenvolvi que gostaria de explorar de forma a mostrar que Descartes comete alguns erros na sua visão da Natureza. Descartes atribui a Deus as características de infinito, eterno, onisciente e todo-poderoso, pelo que questiono: não pode a Natureza ter estas características? Parece-me difícil acreditar que tal não possa acontecer. Vejamos que a Natureza é infinita e eterna, na medida em que existe sempre uma conservação da massa *ad infinitum*.³ Ser onisciente implica com toda a certeza uma consciência que julgo que a Natureza tem e que expressa em nós,⁴ por exemplo, que somos Natureza e pode muito bem expressar noutros seres, e no seu total a Natureza tem toda a consciência enquanto soma das partes que a constituem.⁵ Também é sem dúvida, todo-poderosa, pois consegue selecionar naturalmente quais as espécies que quer conservar e aquelas que quer eliminar.



Quero aqui sublinhar que não pretendo de modo algum defender uma posição panteísta em que Deus é tudo e tudo é Deus, mais sim que a Natureza pode desempenhar o papel de Deus, não o sendo, e evitando assim as críticas de que a sustentação de base divina falha por ter que assumir quase injustificadamente a existência de Deus.

Para mim, Descartes comete um erro quando considera que conhecer é melhor que duvidar. Discordo com suporte num argumento que tem por base a Natureza:

A Natureza tende para a Perfeição.
A Natureza tende para o Caos.
O caos é a perfeição.

Se o caos é perfeição então duvidar, que implica um caos (nem que seja mental...) é melhor que saber, pois saber implica uma certa organização do conhecimento. A única premissa que me parece ser disputável aqui é a primeira premissa, pois a segunda corresponde à Segunda Lei da Termodinâmica – “o grau de entropia de um sistema nunca decresce” – pelo que me parece importante justificá-la. Posso basear-me, por exemplo, na Evolução. Numa espécie tendem sempre a permanecer os indivíduos mais aptos e os menos aptos tendem a ser progressivamente eliminados. Ora parece claro que deste modo a Natureza torna-se progressivamente mais perfeita, permanecendo nela apenas o que tem as melhores características – isto é um sinal de Perfeição.

Posso também assumir a existência de um Deus deísta e daí derivar a mesma conclusão do argumento anterior:

Deus só pode querer o melhor.
A natureza tende para o caos.
O caos é o melhor.

Neste argumento, assumindo que existe o tal Deus deísta nenhuma premissa é disputável tornando-se este argumento bastante forte e esclarecedor e do qual se conseguem tirar as mesmas conclusões do anterior.

As Leis Naturais

“Além disso, enunciei quais são as leis da natureza e, fundamentando as minhas razões no único princípio das infinitas perfeições de Deus, tentei demonstrar todas aquelas de que não se poderia, vez alguma, duvidar e mostrar que são de tal ordem que, mesmo que Deus tivesse criado outros mundos, não poderia ter originado algum onde estas leis não fossem observadas.” (*in* Discurso do Método, 5.ª Parte). Este excerto representa, na minha opinião, o segundo erro de Descartes. Está hoje estudada a possibilidade do Multiverso, ou seja, a possível a existência de múltiplos universos. Não entrando em muitos pormenores a teoria baseia-se na Física Quântica e na Relatividade de Einstein e numa analogia explicamos o multiverso da seguinte maneira: os diversos universos funcionam como bolhas de sabão num mar de bolhas.



Edson de Abreu
José Pedro Ferreira
Tiago Fragoso Mendes

Termino, mostrando que a interpretação da Natureza por Descartes se mostra desatualizada à luz do conhecimento atual. Onde está então o erro de Descartes? É que nestes múltiplos universos as leis da natureza podem ser totalmente diferentes, uma vez que as interações entre as partículas são completamente diferentes e isso redundaria em leis naturais diferentes.

- 1 - Segundo Descartes devemos considerar como absolutamente falso o que for minimamente duvidoso.
- 2 - “(...) argumentei de mim para comigo que na verdade não fazia sentido que um simples particular intentasse reformar um Estado (...) O meu designio nunca ultrapassou a tentativa de reformar a minha opinião e construir um edifício inteiramente meu.” (*in* Discurso do Método, 2ª Parte.)
- 3 - Ver Lei de Lavoisier – “Nada se cria, nada se perde, tudo se transforma.”
- 4 - “(...) a nossa alma, ou seja, aquela parte de nós, distinta do corpo, cuja natureza – tal como já foi mencionado – é pensar (...)” (*in* Discurso do Método, 5.ª Parte)
- 5 - É preciso verificar que não há aqui uma falácia da composição ou da divisão, uma vez que não se está a atribuir ao todo características da parte, nem vice-versa, mas sim que a parte é o todo, ou seja, os seres humanos são Natureza e não parte dela. Isto é diferente de dizer, por exemplo, que por um jogador ser bom a equipa é boa, uma vez que o jogador pertence à equipa, não sendo contudo a equipa.

O confronto entre o individual, Alberto Soares, personagem principal e narrador, e o universal, a cidade de Évora, fechada, conservadora, misteriosa e ancestral, assolada pelas inovadoras ideias de Alberto .

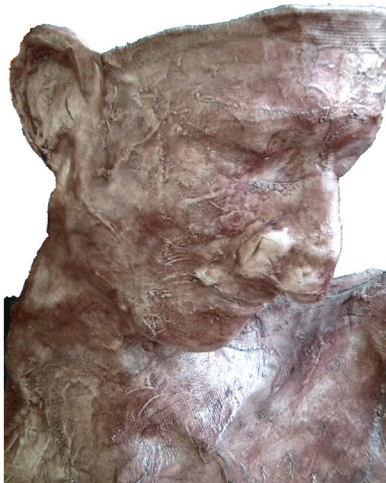
Vergílio Ferreira: Aparição, a Condição Humana e a Procura de uma Resposta

João Lourenço

Aparição, romance existencialista de Vergílio Ferreira, obra das mais importantes do findo século, reflete sobre a existência, procurando restaurar a vida a partir da morte, o nada que pode criar e revelar. Representa também a procura de uma identidade, e o confronto entre o individual, Alberto Soares, personagem principal e narrador, e o universal, a cidade de Évora, fechada, conservadora, misteriosa e ancestral, assolada pelas inovadoras ideias de Alberto. Em *Aparição* realiza-se uma progressiva interrogação, a procura de uma resposta para o problema da existência, tanto no narrador, que relembra as suas memórias, como no leitor, que pondera sobre as revelações alcançadas.

Constituído por um texto inicial, vinte e cinco capítulos e um texto final, vão-nos sendo, neste livro, relatadas as vivências passadas do então jovem professor Alberto Soares, nascido na serra da Estrela, tendo posteriormente ido lecionar no liceu de Évora, acontecimentos que sustentam que Alberto seja um alter-ego do autor, nascido em Melo, serra da Estrela, no dia 28 de janeiro de 1916 e que, na sua atividade de professor, deu aulas neste mesmo liceu enquanto escrevia *Manhã Submersa*. A utilização de traços autobiográficos está presente noutros livros do autor, não fosse a sua obra baseada na existência.

No texto inicial, Alberto, só consigo, numa sala vazia, reflete sobre o absurdo da morte, a finitude humana, não conseguindo compreender como pode ser possível vir a não ser, e sobre a evidência de ser e de não conseguir reter a aparição de si a si, a sua totalização, a superação de todas as angústias e dúvidas, essa verdade revelada e inicial de ser, de se redescobrir, de conhecer os seus limites e possibilidades, que não se pode exprimir em palavras, só se pode sentir, “porque é novo e fugaz e invenção de cada hora o que nos vibra nos ossos e nos escorre de suor quando se ergue à nossa face”. Outro aspeto importante é o momento inicial em que a comunhão se realiza, contudo experimenta-a com angústia. E começa a partir daqui o relembra do acontecido, narrado de uma forma descontínua, como memórias que se vão seguindo separadas por reflexões que nos permitem compreender melhor esta redescoberta e busca incessante, iniciada na sua infância.



Andreia Carvalho



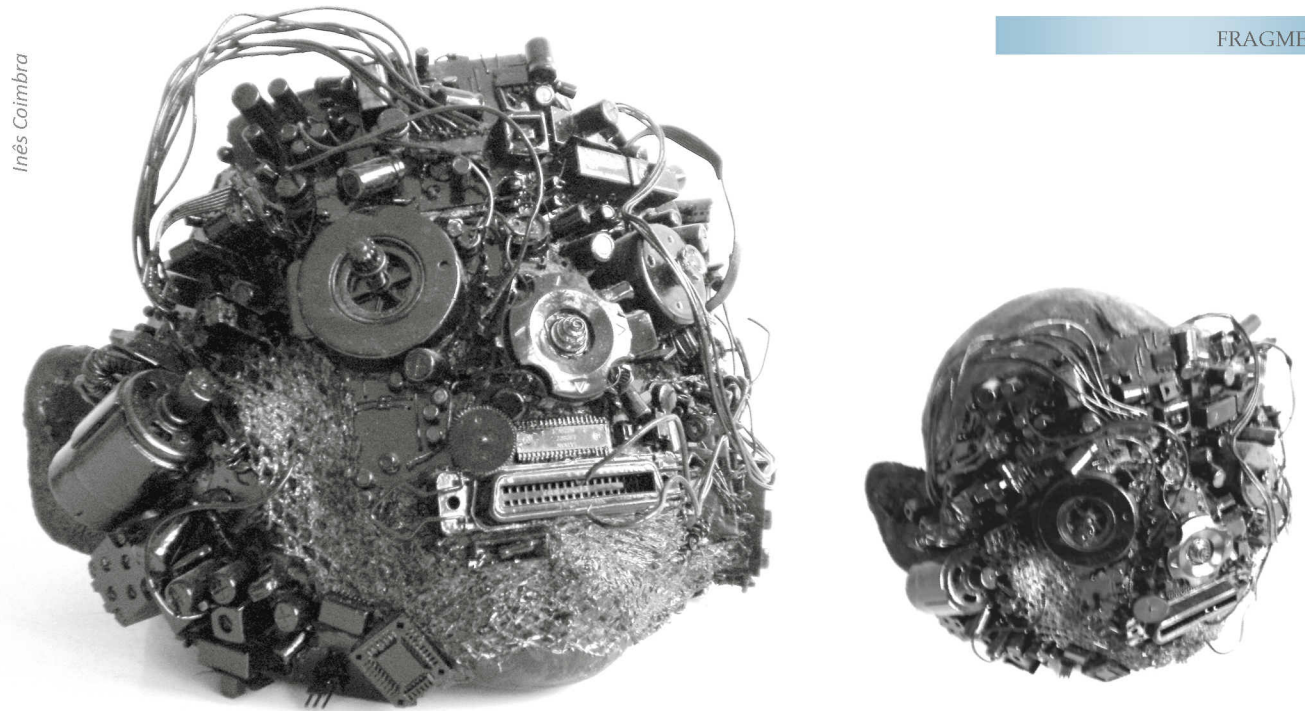
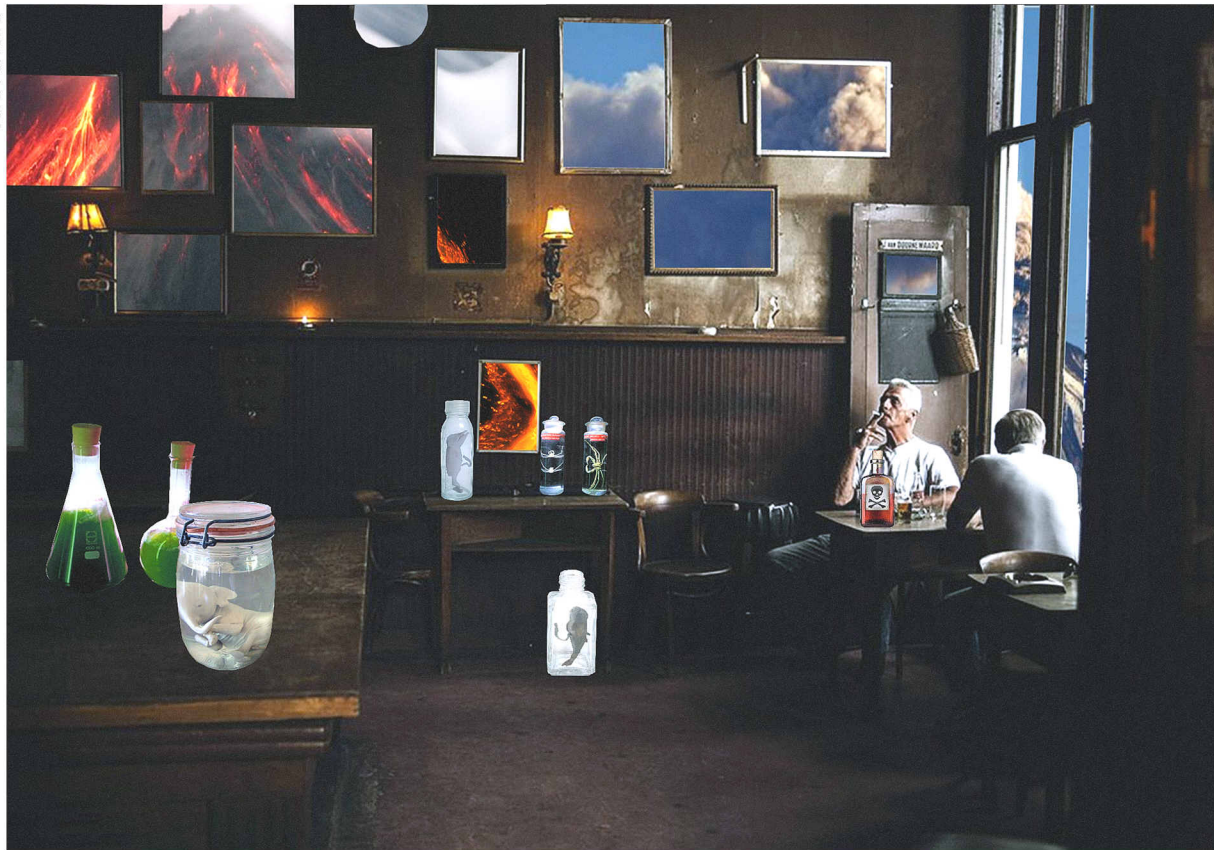
Andreia Carvalho

A narração começa com a chegada do inexperiente professor a Évora, marcado pela morte do seu pai poucos dias antes, durante o jantar das vindimas, em que os filhos Tomás, Alberto e Evaristo se juntam aos pais. A sua morte marca o narrador, fazendo-o pensar no que nos habita, no que nós verdadeiramente somos, na nossa finitude. A eternidade está igualmente presente, mas noutra perspetiva, principalmente no álbum da tia Dulce, cujas fotografias representam pessoas que já não são e que continuam a olhar-nos naquelas imagens, tendo este álbum um lugar importante na sua questionação. Essa procura incessante por uma resposta está presente na pergunta feita na infância ao pai (“Quem sou eu?”), no entanto o pai, por ser médico, não lhe dá a solução procurada, não explica a existência, que precede e governa a essência. Outro acontecimento importante para estas reflexões é o suicídio do Bailote, que, por já não ter uma mão forte nem o poder criador que lhe permitia ter boas sementeiras, sente que a sua existência já não faz sentido, isto se alguma vez fez, e decide acabar com o absurdo da vida. E o relacionamento com a família Moura, principalmente as interações com as filhas, Ana, Sofia e Cristina, é decisivo na procura de uma resposta, possuindo cada uma um significado: Ana representa a escolha de Deus, uma das possibilidades para o problema, não sendo essa a resposta pretendida pelo autor, já que se evita o absurdo; Sofia, indomável e provocadora, vive somente o presente, vivendo-o de forma tão intensa que acaba por ser destruída pela sua pretendida liberdade; Cristina, a mais nova, pela forma como toca maravilhosamente piano, significa a pureza anterior às palavras.

Como previsto, chega-se ao fim sem uma resposta para o problema; mas as reflexões realizadas conduzem a que a reação perante a evidência da finitude humana já não seja de temor, mas sim de calma e apaziguamento.

Conclui-se, com esta obra, que “Um homem só é perfeito, só se realiza até aos seus limites, depois de a morte o não poder surpreender”, que, para alcançar essa relação consigo, o homem deve redescobrir-se a si próprio tendo como base a sua condição.

Bibliografia: Vergílio Ferreira; «Aparição», Quetzal, Lisboa, 2005.
Vergílio Ferreira; «Um Escritor Apresenta-se», INCM, 1981.



Nem tudo o que é tecnicamente possível é eticamente realizável.

Engenharia Genética e Bioética

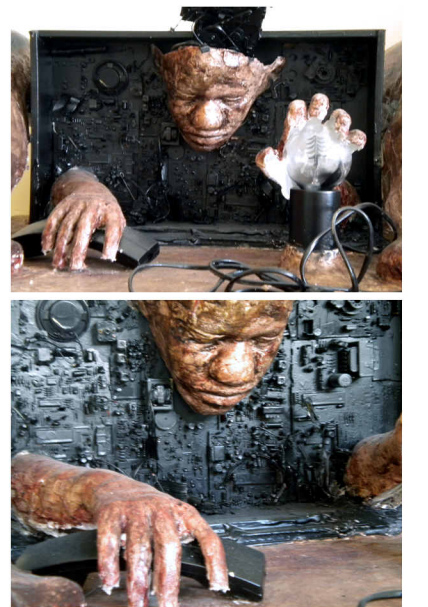
Alexandra Aniscenco

Tudo tem uma origem, inclusive a Genética. O estudo de Gregor Mendel baseado em experiências onde cruzava ervilheiras (1865) foi o primeiro passo a que hoje se chama “Genética”. Contudo, apenas em 1909 é que se fez a descoberta do “gene” e, em 1944, a descoberta do ADN (ácido desoxirribonucleico). Mais tarde – em 1953 – Watson e Crick declararam a descoberta da estrutura helicoidal de dupla hélice do ADN.

Mas a evolução do conceito de Genética levaria 20 anos (!) até à grande descoberta do ADN recombinante (Cohen e Boyer). Ou seja, agora seria possível “cortar” e voltar a “colar” a cadeia. Tinha começado a evolução explosiva desta área e, através do Projeto Genoma Humano, foi possível decodificar bilhões de pares primários do código genético. Todo este conhecimento abriu alas para o domínio humano (reprodução, transmissão do património genético) e para o desenvolvimento e evolução de inúmeras áreas: medicina, biologia.

Assim, a Genética é a ciência que se ocupa de todas as características hereditárias dos seres vivos e a Engenharia Genética abrange a integridade das técnicas orientadas para alterar ou modificar a carga hereditária de alguma espécie, seja para fins de terapia génica ou manipulação genética. Atualmente, a engenharia genética não é ainda muito bem aceite pela sociedade, mas isto deve-se muito à desinformação – tudo tem o seu lado positivo e negativo. Ou seja, não é nenhuma aberração, como parece aos olhos de muita boa gente.

Por um lado, esta engenharia oferece grandes benefícios: medicina preditiva, remédios “à medida”, terapia genética, exames de paternidade e criminais.



Dina Martins
Cristina Garrido
Catarina Machado



Ana Rita Logrado



Joana Brites



Cláudia Matos

Não seria excelente que fosse possível, através do mapeamento genómico e terapia genética, melhorar o diagnóstico e o prognóstico de certas doenças ou predisposições para a mesmas (o que não implica que as doenças se manifestem de todo no futuro)? E que tal receitas de remédios “à medida”? Sim, tal como se encomendam fatos à medida. É que nem todos os indivíduos respondem da mesma forma a um determinado fármaco. Assim, o estudo do código genético de cada um irá possibilitar o doseamento perfeito. Seria muito mais eficiente, certo? E quanto à terapia genética? Não estaríamos nós num mundo praticamente perfeito, se fosse possível fazer com que os progenitores não transmitissem doenças nenhuma à sua descendência através de uma terapia dos seus genes, inserção de genes novos ou remoção de genes afetados ou até mesmo através da seleção de embriões isentos de problemas? Os exames de paternidade ou criminais também têm uma crescente utilização e uma grande utilidade, já que ajudam a tirar dúvidas acerca da paternidade, para além de ajudarem na completa resolução de crimes.

Porém, a Bioética – ética aplicada que visa controlar e ocupar-se dos conflitos e controvérsias morais implicados pelas práticas no âmbito das Ciências da Vida e da Saúde – aponta algumas desvantagens, ou melhor, problemas éticos levantados pela engenharia genética. Basta observar as “supostas” vantagens enumeradas anteriormente: no que toca à medicina preditiva – como será então viver, sabendo que podemos desenvolver uma possível doença sem cura?! Como hão de lidar com a vida os indivíduos que poderão não ser aceites num emprego devido a esta mera “predisposição”? Ou que não poderão ter, por exemplo, um seguro de vida? E os remédios “à medida”? Não serão caros demais e, consequentemente, não acessíveis à maioria dos doentes, mas apenas às elites? A terapia genética também envolve problemas éticos: que consequências terão certas alterações genéticas e, mais uma vez, como lidar com o conhecimento de doenças sem cura ou potenciais predisposições para as mesmas na família? São, de facto, questões muito polémicas e que obrigam a uma profunda reflexão.

Mas isto é apenas o início. Muitas outras questões éticas herméticas vão surgindo com a evolução da engenharia genética: os organismos geneticamente modificados (OGM), a discriminação genética, a rejeição e eliminação de embriões e fetos com defeitos, a escolha do sexo da descendência, o preconceito racial ou o bioterrorismo. Todas estas adversidades éticas constituem uma grande preocupação e até certo ponto – podem instalar o medo e o terror.

Os organismos geneticamente modificados poderão apresentar efeitos imprevisíveis e levar ao desequilíbrio ecológico. Mas a questão é: será que o Homem pode mesmo modificar e manipular a Natureza sem consequências? Os benefícios que provêm dos OGM justificam os riscos que poderão resultar dessa adulteração? Não será mais correto deixarmos a Natureza fluir e pararmos de “brincar” como se fôssemos Deus?

Tal como já disse anteriormente, o conhecimento da predisposição para uma doença poderá resultar numa discriminação genética. Assim, o que será o mais acertado: deixar os dados genéticos públicos tal como uma espécie de currículo ou torná-los em algo pessoal e intransmissível (tendo em conta o que a discriminação genética poderá provocar a nível psicológico num indivíduo)?

Existem técnicas, a nível da reprodução assistida, que consistem na análise e seleção de embriões ou fetos livres de problemas a nível genético, como por exemplo, o Diagnóstico Pré-Implantatório (DGP). Ora, tais técnicas podem colocar-nos a seguinte questão: o que sucede aos embriões ou fetos que possuem algum problema genético? São deitados fora?! De facto, são, ou então são providenciados aos laboratórios a fim de se realizarem experiências. Não é isto questionável? Então, sendo assim, se os progenitores têm o direito de eliminar descendência geneticamente defeituosa, então os filhos também poderão eliminar os seus progenitores idosos?

Através do DGP, também é possível determinar o sexo da descendência. À primeira vista pode não parecer muito polémico mas o facto é que esta possibilidade poderá levar a um desequilíbrio de género na distribuição da população, que levará, por sua vez, a um desequilíbrio generalizado. Outro receio que a Engenharia Genética levanta é o de ser encontrado um gene ou vários genes que distingam uma raça da outra, o que poderá levar à discriminação racial. Para além do bioterrorismo (ou micro terrorismo biológico), pois teme-se que a 3.ª Guerra Mundial seja baseada em armas principalmente químicas e que poderão estar a ser desenvolvidas exatamente a nível da genética, de modo a serem eficazes na exterminação de massas.

Fica claro, portanto, que a Engenharia Genética é ainda um campo da ciência muito recente e que está a evoluir tão vertiginosamente, que o Homem, apesar de ser o responsável por esta evolução, não tem capacidades (por enquanto e muito paradoxalmente) de controlá-la a 100%. Todavia, contribui com múltiplos usos atuais vantajosos e vai aperfeiçoando a nossa qualidade de vida.

Bibliografia: Henderson, Mark; «50 Ideias de Genética que precisa mesmo de Saber», Lisboa: D.Quixote, 2011.

Webgrafia: <http://revistaseletronicas.pucrs.br/ojs/index.php/teo/article/viewFile/1694/1227>

.

O Homem é definido não só pelas suas ações mas pelos seus pensamentos.

É pela Ação que o Homem se Constrói a si mesmo e aos seus Mundos?

Gonçalo Reis

Texto elaborado no âmbito da pré-seleção para as II Olimpíadas Nacionais de Filosofia 2013

2º. lugar

Assumir que o Homem se constrói a si mesmo é assumir a sua individualidade e a capacidade de se definir por meio de alguma coisa. Se existe esta definição pessoal, então o Homem tem se de ser livre e o seu livre arbítrio tem de incidir sobre algum objeto. Será este objeto unicamente a ação?

À primeira vista não, existem de facto dois objetos sobre o qual o Homem toma a decisão, o pensamento de uma ação (a sua contemplação na imaginação) e a ação propriamente dita. Podemos, então, limitar o nosso pensamento a uma contemplação, mas será esta contemplação suficiente para a definição de uma pessoa enquanto tal ou não é suficiente e o homem define-se efetivamente pelas suas ações? Afirmar que o Homem define-se exclusivamente pela contemplação parece-me algo absurdo; afinal de contas não somos capazes de controlar na totalidade as funcionalidades do nosso cérebro, enquanto sonhamos estamos a contemplar determinados ambientes e ações sobre as quais não temos nenhum controlo, afirmar que o Homem se define pela contemplação era no fundo negar a sua liberdade. O Homem deixaria de ser capaz de se definir a si próprio e nesse caso a afirmação inicial seria absurda.

Neste caso, o Homem definir-se-á então exclusivamente pelas suas ações? Ou haverá uma posição intermédia entre a contemplação e a ação na construção do Homem em si mesmo? Suponhamos que um homem mata outro, então ele é um assassino, logo a sua natureza é má porque foi contra a lei natural. Mas não é importante analisar a situação em que o homem escolheu matar o outro? Não nos dirá este ambiente algo mais sobre a natureza do atirador? Se um homem matar outro, porque este ameaçava matá-lo e além do mais ameaçava matar metade da população mundial, consideramos o homem igualmente culpado e mau? Ou será que admiramos a sua ação? Consideraremos igualmente má a sua Natureza? Creio que a resposta é não. Então, as ações não definem exclusivamente o Homem. Poder-se-á dizer que o que estamos a fazer, no fundo, é condicionar a ação humana e não a afirmar que o Homem não se define exclusivamente pelas suas ações.

Perante tal hipótese notemos então de novo no caso anterior: diremos que o Homem é igualmente bom se enquanto vive pensa numa desculpa para matar o outro, porque não gosta do seu caráter e aquela ameaça, mais ou menos real, se afigurou como a desculpa perfeita para o fazer? Neste caso não o consideraríamos mau em vez de bom ou isento de julgamento naquela ação?



Joana Brites



Inês Fonseca



Hernâni Freitas



Inês Vilar



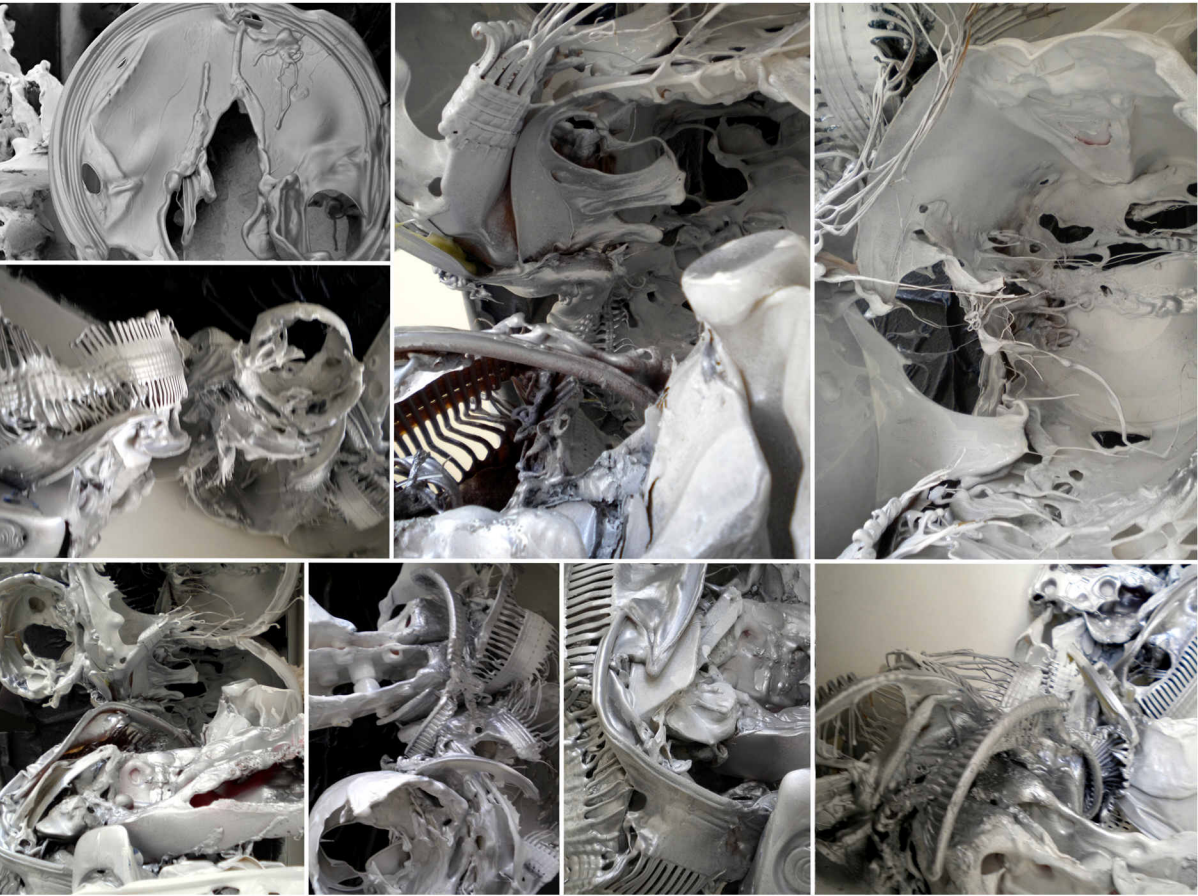
Bruno Madeira

Mas, não estaremos de novo apenas a condicionar a ação e por sua vez o seu valor? De que modo é que estamos a condicioná-la, não é pelo pensamento que existe no momento da ação, não é pela contemplação da ação?

Mas se a ação é influenciada por um fator que, como dissemos no início, é um dos possíveis objetos sobre o qual o livre arbítrio pode recair e definir a natureza do Homem, então, ambos são fundamentais para esta definição. Uma vez que a contemplação ou o pensamento se nos afiguram como condicionantes da ação, propriamente dita, o pensamento terá menor preponderância que a ação em si mesma. Mas ambos são fundamentais. Sendo assim, a afirmação inicial, embora não esteja errada está claramente incompleta, o Homem é definido não só pelas suas ações mas pelos seus pensamentos.

Centremo-nos agora no outro ponto da questão. De que modo são, de facto, os mundos dos homens construídos? Claramente não são apenas pela contemplação de projetos, é preciso que exista uma ação do Homem no sentido de construir ou erigir algo. Mas o erguer desses mundos deve-se simplesmente à ação indiscriminada, ou existe um processo de seleção? E um desses processos de seleção não é a contemplação dos projetos e a percepção se são ou não exequíveis? Então, a ação humana não é suficiente para a ereção dos mundos pelo Homem.

Repare-se, no entanto, que ao longo da nossa análise utilizámos o conceito de ação humana apenas como uma interação do Homem com o meio material, e só por esta razão conseguimos refutar a afirmação de que “é pela ação que o Homem se constrói a si mesmo e aos seus mundos”. Se, no entanto, considerarmos a ação humana como toda a ação realizada pelo Homem de um modo consciente perante duas alternativas, não existe outro modo de o Homem se definir a si próprio senão pelas suas ações. E nesse caso a afirmação seria impossível de contestar. Porque, de outra forma, o Homem não seria livre porque não recaí sobre ele nenhuma decisão, estaria predestinado.



Hugo Moreira e João Cruz

Mariana Fortes



Quando nasce, o ser humano é imaturo e por essa razão tem necessidade de se apegar e afeiçoar a quem o rodeia. Quando esta relação não é segura e consistente traz consequências ao desenvolvimento físico e psicológico da criança

Perdi a minha Chucha

Inês Moreno e Joana Madureira

Ainda dizem que a escola não serve para nada! ...

Desde o primeiro dia de aulas que oiço aquele professor e nunca esperei que ele me ensinasse mais do que está escrito nos livros. Hoje, surpreendeu-me. Falou para mim, fez-me ver as coisas com mais clareza.

Agora eu percebo que o que eu sinto é normal, faltam-me “vínculos” como disse o professor. A ausência dos meus pais e a consequente responsabilidade de cuidar dos meus irmãos mais novos fizeram de mim um adulto antes do tempo. Um adulto que nunca chegou a ser criança porque as circunstâncias não deixaram. Apesar de eu e os meus irmãos termos crescido num bom ambiente com segurança e alimentação, faltou-nos aquilo que, agora, considero um cuidado básico: a vinculação – a necessidade de estabelecer laços físicos e emocionais com um adulto. Aprendi que este adulto não tem de ser necessariamente a mãe ou o pai, mas sim alguém com quem mantenhamos uma relação de grande proximidade e afetividade, alguém que nos dê carinho, que nos proteja, no fundo alguém que nos faça sentir amados. Não posso dizer que ficámos sozinhos no Mundo, isso seria injusto. Ao longo do tempo várias pessoas nos ajudaram, mas nenhuma delas conseguiu assumir o papel de nossos pais.

Quando nasce, o ser humano é imaturo e por essa razão tem necessidade de se apegar e afeiçoar a quem o rodeia. Quando esta relação não é segura e consistente traz consequências ao desenvolvimento físico e psicológico da criança. Talvez seja por isso que tantas vezes me senti inseguro, talvez seja por isso que o meu relacionamento com os outros não era fácil, mas isso também fez de mim uma pessoa mais forte e mais capaz de superar os obstáculos da vida.

Oiço os outros dizerem que gostavam de voltar a ser criança; eu nunca fui e não me queixo. Todas as fases da vida têm o seu tempo e não devemos viver a lamentar-nos por aquilo que não tivemos. Olho para os meus irmãos e fico feliz por ver que lhes tenho conseguido dar tudo aquilo que não tive. Sei que sou como um pai para eles e isso traz-me muita responsabilidade, mas também muita felicidade.

Após a aula de hoje compreendo melhor o que se passou e o que me fez ultrapassar tudo isto. Agora tenho ainda mais certezas de que a infância que estou a proporcionar aos meus irmãos vai valer a pena tanto para eles como para mim. A felicidade passa por concretizar um projeto de vida e eu vejo os meus irmãos como o meu projeto.

Pode parecer estranho, mas fazer os outros felizes faz de nós pessoas felizes também.



Sara Moreira



Arndina Dias

É através das reflexões que encontro o meu sentido para a vida. São elas que me transportam ao passado, ao futuro e a todos os demais lugares onde eu posso e não posso estar.

Qualquer Coisa

Filipa de Matos



Cláudia Matos

Pediram-me uma reflexão. Aliás, não pediram. Eu mesma preferi cingir-me a essa obrigação e reger-me pelo compromisso – se assim o quiserem – entre mim e esse estado psicológico. Partindo do princípio que seria uma reflexão sobre um tema relacionado com o programa de Filosofia, porque não uma reflexão olhando-se ao espelho, refletindo sobre si mesma? Com efeito, tomei por iniciativa primordial realizar uma reflexão sobre reflexões, de modo a facilitar o percurso para a descoberta de “qualquer coisa”. De entre os vários tipos de reflexão, o meu eleito seria aquele que, modestamente, na minha imatura visão, eleva a mente humana a um patamar desconhecido, celestial, paradisíaco e até mesmo quase perfeito – ou não, se assim o quiserem – através de uma quebra da consciência humana. Inconscientemente automática, esta espécie de quebra abre um caminho inconcretizável que, ao mesmo tempo, se concretiza na sua inconcretização.

Damo-las como conhecidas em momentos instantâneos e repentinos, acontecendo-me com frequência quando dou por mim a sonhar acordada como se, de repente, o meu corpo estivesse fisicamente presente mas desprovido de pensamento, que se encontra órfão de espaço, tempo e lugar. O dito cujo, não procura nem necessita de nenhuma dessas referências, pois, contentando-se com a sua ausência, tapa todos os buracos que fazem de mim um ser incompleto por natureza.

Algures no meu pensamento, saltou-me à vista um rascunho acerca deste mesmo tema, que compus durante uma dessas profundas introspeções, onde posso e digo tudo aquilo que me apraz dizer. Talvez por isso sejam todas tão contemporâneas: faço questão de as guardar e rescrever numa folha mental infinita. Daí que depois possam perder o sentido ou este se torne mais difícil de encontrar. O rascunho era o seguinte:

“Não há nada que em breve se esconda, nada que para sempre desapareça. Esse homem, concentrado na sua (des)concentração autónoma e que tudo abafa, sonha acordado e jamais parece voltar. O subconsciente permanece adormecido e vivo como um animal. Entre a noite e o dia, preso no escuro e na luz. Não há nada real, não há nada fictício. Só a vida e a morte e um elo quebrado.”

Deixo este excerto, sem princípio nem fim, pairando em mim, sobre mim e no pensamento de cada um.

A esta altura, já posso afirmar que a primeira solução para a descoberta de “qualquer coisa”, possa ter dado os seus frutos. Digo isto, pois, mesmo antes de tornar público o pensamento anterior, teria entrado numa temática sobre a qual vale a pena refletir: o sentido. O sentido desta reflexão, o sentido de tudo, o sentido para a vida. Pergunto eu, perguntamos todos: Qual o sentido da vida?

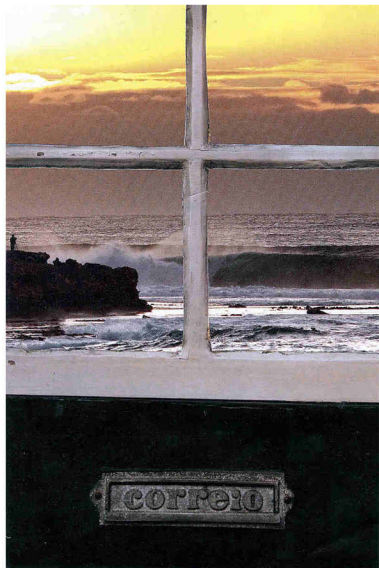
Pois bem, começo por dizer que não, não tenho uma resposta universal que, como se o génio que eu fosse, respondesse imediatamente ao ponto de interrogação que marca e se impõe na vida de todos e de cada um, como uma coroa na cabeça real ou como a atmosfera que nos aparece constantemente presente. Posso, no entanto, expor a minha opinião ou ponto de vista pelo qual a minha vida se leva para tentar responder a si mesma.

Ora, não poderia ter sido por acaso que esta reflexão se principiou falando sobre reflexões. Não, já sabemos que foi um plano facilitador para a descoberta de um tema. Mas, por ventura, não tínhamos pensado que, para além dela mesma já ser um tema, também ela mesma responde à questão que se levantou (a meu ver). Reflexões. É através das reflexões que encontro o meu sentido para a vida. São elas que me transportam ao passado, ao futuro e a todos os demais lugares onde eu posso e não posso estar. São elas, tão duvidosas e ao mesmo tempo tão certas que me realizam os sonhos que, física e intrinsecamente se mostram impossíveis e que, escapando ao real e sendo ao mesmo tempo tão reais, me acalmam a dúvida com a qual é difícil viver se estiver permanentemente em questão central. Respondendo às perguntas sem nunca lhes dar realmente uma resposta é o seu objetivo primeiro e pelo que se tem conseguido até ao momento, não está nada mal.

Portanto, as reflexões acalmam-me porque me aproximam de uma resposta que nunca chega. Impedem-me de continuar a procurar porque me congelam no compasso entre a composição e o arquivo até ao dia em que não as esqueço mas deixo de pensar nelas. Mas, então, se elas me conduzem ao sentido e me aproximam dele, porque nunca mo dão realmente? É que, na verdade, ele não existe e a sua não existência faz todo o sentido para nós no nosso dia a dia comum. Faz sentido para mim que vivo em constante procura por um objeto invisível e inteligível, vivendo este mesmo sentido, na sua procura e não em si mesmo, no seu encontro. É essa procura incessante que nos dá esta ânsia de viver. Convive e vive com a sua inexistência. Passeando à procura de tudo e à procura de nada, escrevi, um dia, o caminho que é sempre valioso e o futuro que encontrei perdido, onde o caminho me levou. E esta é a moral da história:



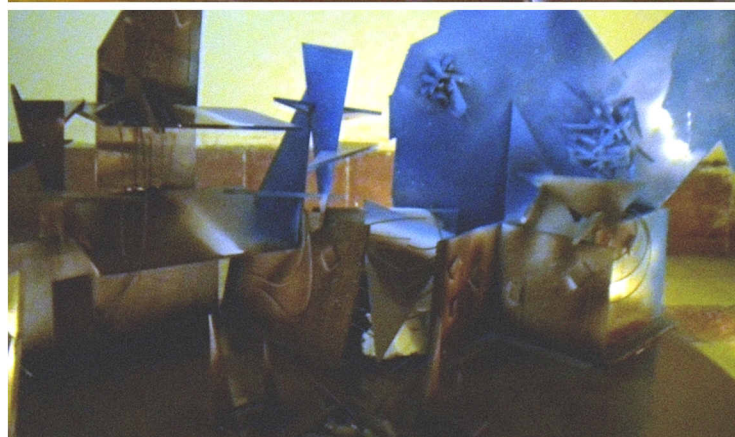
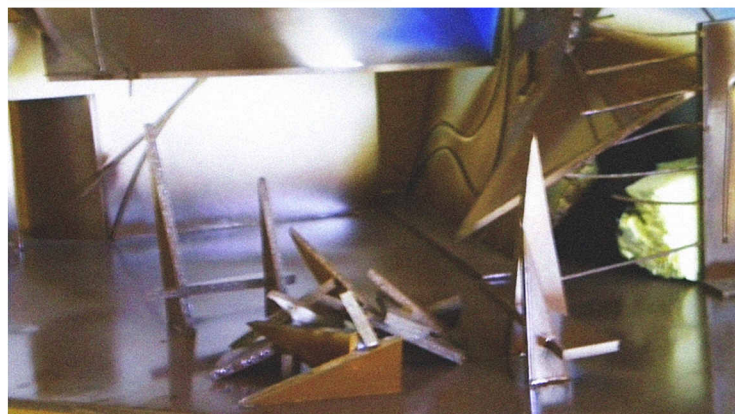
Raquel Martins



Joana Brites



Valentina Rodrigues



Ricardo Paia

“Um jardim, uma rua,
um pintor amador
que esboça uma tela nua.

Uma fonte, a esperança,
um caminho incolor
e uma lágrima que não se cansa.

Ainda a meio da avenida,
velha, entardecida,
a bela tarde adormecida.

Passando pela praça,
já cativa na eternidade,
palco desta bela cidade,
onde a ruína em tempos foi graça.

Observando o infinito
deste caminho inacabado,
é com isto mesmo que eu fico:
um futuro esperançado!”



Bárbara Ferreira

Apoio

El Corte Inglés

Escola Secundária
Maria Amália
Vaz de Carvalho